

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

FELIPE DIAS DA SILVA

**FORMAÇÃO ESPORTIVA E FORMAÇÃO ESCOLAR:  
O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO PARA JOVENS ATLETAS DE FUTEBOL E  
SEU CLUBE FORMADOR**

Goiânia

2018

FELIPE DIAS DA SILVA

**FORMAÇÃO ESPORTIVA E FORMAÇÃO ESCOLAR:  
O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO PARA JOVENS ATLETAS DE FUTEBOL E  
SEU CLUBE FORMADOR**

Monografia apresentada para obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação do professor Dr. Heitor de Andrade Rodrigues.

Goiânia

2018

**FORMAÇÃO ESPORTIVA E FORMAÇÃO ESCOLAR:  
O SENTIDO DA ESCOLARIZAÇÃO PARA JOVENS ATLETAS DE FUTEBOL E  
SEU CLUBE FORMADOR**

Esta monografia foi revisada após a defesa em banca e está aprovada.

Goiânia, 04 de julho de 2018.

---

Prof. Dr.  
Heitor de Andrade Rodrigues  
Orientador

Dedico a toda minha família, em especial à minha amada mãe Suely, benfeitora da ação mais generosa em minha vida, nunca medindo esforços para ajudar a realizar meus sonhos e me ver feliz.

## AGRADECIMENTOS

Inúmeras foram aquelas que contribuíram para que este estudo alcançasse êxito, direta ou indiretamente. No entanto, gostaria de agradecer em especial:

A Deus, seu filho Jesus Cristo e à vossa mãe Maria, que com seus grandiosos e exclusivos poderes me guiaram até este honroso momento e sempre me fortaleceram frente às adversidades da vida. “*O Senhor é meu pastor e nada me faltará.*” (Salmos, 23).

Agradeço minha mãe Suely pelo carinho, respeito, atenção, ensinamentos e amor a mim ofertados durante toda vida. A senhora é e sempre será o meu maior espelho. Amo-te eternamente! Aqui também incluo a minha mãe Rosimeiry, pelo grande amor que tens por mim. Sem a qual a realidade de tudo seria impossível. Saibam que o amor que tenho por vocês duas agrega particularidades, mas que é grande na mesma proporção.

Agradeço minhas irmãs e irmãos Jacqueline, Janne, Ceila, Laís, Bira, Juninho e Lucas pelo apoio oferecido durante esta caminhada. Em especial as minhas queridas Maria Jacqueline Dias Alves e Ceila Maria Dias Alves, ambas são docentes, pelo grande auxílio durante a produção deste trabalho monográfico. Fico lisonjeado por terem compartilhado comigo parte de seus conhecimentos. Vocês, sem dúvida, são excelentes profissionais e merecedoras de todas suas conquistas. Em verdade, obrigado por tudo!

Gratulo ao meu avô, Geracino Dias (*in memoriam*), por todo o exemplo concedido durante minha infância. E a minha avó, Alfina Dias (*in memoriam*), que ficou muitíssimo orgulhosa por me ver conquistar uma vaga em uma universidade pública aconselhando-me de maneira sábia para que eu tomasse as melhores decisões e fosse reconhecido como um homem de caráter.

Agradeço a todos os entes da minha família: tias(os), primas(os), sobrinhas(o), cunhadas(os).

À minha amiga e companheira Bruna meu reconhecimento pelo apoio e carinho durante todo o processo de elaboração do trabalho. De maneira paciente esteve presente em momentos onde eu me dedicava à realização da leitura das correções. Como você dizia: “vai dar certo!” E deu! E agora nós sabemos que valeu a pena. Tenho um enorme carinho por ti.

Gratidão aos meus amigos de turma e de graduação com quem tive a oportunidade de estudar e compartilhar experiências durante os quatro anos de graduação. Saliento que a turma 42 é a mais internacional e reconhecida da faculdade. Considero que todas as alegrias, tristezas, influências e esforços foram importantes para nosso amadurecimento e, conseqüentemente, o crescimento como cidadãos e profissionais críticos-reflexivos. Que Deus ilumine a vida de vocês. Sorte a todos!

Aos meus grandes amigos e amigas de turma, em especial: Marco Antônio (Pelé), Leonardo Rodrigues (Léo), Murilo Augusto (Meeel), Igor (Resenha), Omar (Lenda) e Wesley (Juvena). Ao meu amigo João Carlos (Bahêa), por me auxiliar durante a coleta dos dados. Você é fera, pae! Vocês, sem sombra de dúvida, foram aqueles com quem eu estabeleci maior afinidade

ao longo da graduação. Cada um de vocês, com suas singularidades, souberam me apoiar nos momentos mais difíceis desta jornada.

À minha grande amiga Ana Karla. Sou e serei eternamente grato a ti pelo carinho demonstrado a mim ao longo destes anos de estudos. Considero você sendo àquela colega de turma que mais se preocupou em relação à minha formação e que me ofertou uma imensa atenção diante um dos momentos mais difíceis da minha vida. Além de tudo, me auxiliou no processo de revisão deste estudo. Torço muito para seu crescimento profissional e pessoal, pois você é uma garota bastante inteligente e que batalha por suas conquistas. Você é merecedora de tudo que tens. Sorte. Sou teu fã!

Agradeço todos os professores da graduação com quem tive a oportunidade de conviver e aprender, vocês fizeram parte da minha história. Sempre, ao entrar em uma sala de aula, me lembrarei com carinho de todos. Obrigado pelos ensinamentos!

Agradeço meu orientador, Professor Dr. Heitor de Andrade Rodrigues, que ao longo da minha graduação foi minha referência enquanto docente. Sou grato por ter aceitado iniciar esta caminhada ao meu lado. Você, mais do que ninguém, soube estimular em mim um olhar de pesquisador, para que eu realizasse uma investigação com relevância para nosso campo de estudo e atuação. Espero ter contemplado suas expectativas. Foi uma honra ter recebido e compartilhado conhecimentos ao seu lado. Espero seguir aprendendo com os seus saberes em novos estudos.

Ao Professor Dr. Anderson de Brito Rodrigues meu reconhecimento por ter sido um forte incentivador para que eu entendesse o sentido de ser um discente mais comprometido com a formação. Não me canso de dizer: você e sua disciplina me fizeram acordar dentro da graduação. Saiba que, agora, me considero legitimado para ser um bom professor. Muito obrigado!

Agradeço a todos integrantes, professores e graduandos do grupo EsporteLAB que compartilharam experiências formativas. Sem titubear afirmo que este grupo de estudos e pesquisas me incentivou a trilhar os caminhos necessários para que eu começasse a entender a prática investigativa.

Aos docentes avaliadores da banca: Prof. Dr. Juracy Guimarães e Prof. Dr. Roberto Furtado, por terem aceitado o convite para avaliar e contribuir com a qualidade do meu estudo.

Agradeço ao clube esportivo que abriu suas portas para contribuir da pesquisa, dando credibilidade para o nosso trabalho. Aos atletas, treinador e diretor por terem aceitado participar da investigação.

Agradeço ao Padre Cícero, o casal acompanhador (Telma e Maurício) e a todos os membros da minha equipe de jovens de Nossa Senhora de Fátima. Os incentivos e, sobretudo, as orações de vocês tiveram uma grandiosa importância para o êxito deste processo. Muito obrigado a todos vocês pelo apoio e a Nossa Senhora de Fátima por esta grande graça recebida!

Enfim, a todas as pessoas que fizeram parte deste processo meu muito obrigado!

“A educação é algo extensivo à vida, fornecendo aos homens instrumentos que não se esgotam em tempo algum. Caso difere do vivido no futebol, este se resume a uma parte bastante curta da vida, mesmo daqueles capazes de prolongá-lo um pouco mais.” (SANTOS, 2010).

## **RESUMO**

Este estudo teve como objetivo geral investigar o sentido da escolarização para jovens atletas de futebol e seu clube formador. Já os objetivos específicos foram: (1) identificar a visão que atleta, treinador e dirigente possuem sobre a escolarização de jovens atletas de futebol e (2) identificar as possíveis iniciativas formativas que o clube adota para seus atletas. No que tange aos procedimentos metodológicos optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, do tipo estudo de caso. Para a coleta de dados optou-se pela técnica de entrevista semiestruturada e a análise dos dados se deu por meio da técnica de análise de conteúdo. Os sujeitos participantes da pesquisa foram seis atletas de futebol da categoria sub-19, um treinador dessa mesma categoria e o diretor das categorias de base do clube pesquisado. Como principais resultados constatamos que: os jovens atletas de nosso caso se encontram em defasagem escolar, atribuindo maior valor a formação esportiva e secundarizando a formação escolar em suas vidas. Além disso, constatamos que o clube formador não contribui no auxílio do processo de escolarização, pois não adota nenhuma ação formativa que vise contemplar as questões educacionais dos atletas. Portanto, concluímos que tanto os atletas, quanto o clube, mostram-se desinteressados com relação ao processo de escolarização de jovens atletas. Permitindo-nos compreender que a formação escolar adquire sentido de indiferença, respectivamente, em suas vidas e ambiente.

Palavras chave: Escolarização, Profissionalização, Jovens atletas, Futebol.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

S – sujeito;

T – treinador;

D – diretor;

CBF – Confederação Brasileira de Futebol.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA .....</b>	<b>15</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>24</b>
3.1 Pesquisa do tipo qualitativa: estudo de caso.....	24
3.2 Caracterização do caso a ser estudado.....	25
3.3 Os sujeitos participantes .....	26
3.4 Instrumento de coleta de dados .....	26
3.5 Técnica de análise de dados.....	28
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>30</b>
4.1 Início da trajetória no esporte .....	31
4.2 Fatores motivacionais para a prática do futebol .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
4.3 Trajetória escolar .....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
4.4 O tempo para escola e o tempo para o esporte .....	36
4.5 O papel da escolarização na vida de jovens atletas .....	38
4.6 O papel do treinador na escolarização de jovens atletas .....	43
4.7 O papel do clube na escolarização de jovens atletas .....	46
4.8 Ações formativa.....	49
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>56</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>59</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo pretendeu investigar o sentido da escolarização para jovens atletas de futebol e seu clube formador.

A escolha do tema deve-se ao fato de ter vivido uma experiência intensa com o esporte de alto rendimento, na modalidade futebol. Foram onze anos de formação esportiva em um clube de futebol, me dedicando a diversos treinamentos e a várias competições, principalmente nas categorias de base. Nestes anos, considero ter recebido diversos aprendizados, tanto na esfera profissional quanto pessoal.

No entanto, nesta jornada também notei e enfrentei muitas dificuldades. Uma das indagações foi: porque a maioria dos meus companheiros de equipe sentem dificuldades para estudar e se encontram atrasados na escola? Isto sempre me deixou pensativo, pois não era uma realidade que me atingia. Eu não tinha grandes dificuldades para frequentar a escola e me encontrava no ano escolar correspondente.

Quando atingi a categoria sub-19, com apenas dezessete anos de idade, também encontrei a felicidade de conquistar a vaga em uma universidade federal, no curso de Educação Física – Licenciatura. Foi uma grande realização. Naquele momento, tive duas percepções: de um lado notava em meus familiares olhares de orgulho pelo alcance daquela conquista, mas, ao contrário, percebia em meus companheiros de equipe um olhar de espanto e atenção para tudo àquilo. Nenhum deles havia imaginado, naquela etapa da vida, conseguir adentrar em uma universidade. Eu era a exceção!

Foi então que, neste momento da vida, ao iniciar os estudos em uma graduação, concomitantemente com a rotina diária de trabalhos no clube, passei a enxergar, através de leituras e diálogos com inúmeros professores, os problemas que se apresentavam para responder àquela questão anteriormente descrita. Digo que por meio da formação acadêmica crítica e reflexiva, o que antes, somente treinando não conseguia, pude me atentar para os principais problemas que meus companheiros enfrentavam em suas formações escolares naquela etapa da vida.

No Brasil, sabe-se que o futebol é a modalidade esportiva que mais atrai jovens para o universo da profissionalização. Segundo Bartholo *et al.*, (2011), dados sugerem que, no país,

jovens e suas famílias concentram investimentos financeiros e de tempo, com a exclusiva intenção de elevar as chances de profissionalização no mundo do futebol. Isso ocorre porque grande parte destes jovens busca alcançar por meio do esporte, melhores condições de vida para si e também para suas famílias, vendo em especial no futebol, chances para uma possível ascensão social.

Entretanto, o que muitos acabam por não saber é que o investimento precoce na carreira esportiva traz consigo árduas demandas para a vida destes jovens. São exigidas rotinas intensas de treinamento, dias concentrados para disputa de jogos importantes, constantes viagens para participação em campeonatos e em alguns casos até o distanciamento familiar. Todas estas atribuições podem, de alguma maneira, afetar o processo de escolarização destes jovens, pois os obriga a ter que disponibilizar uma grande parcela do tempo de suas vidas a este sonho, deixando muitas vezes o ambiente educacional em uma esfera secundária ou até mesmo o abandonando.

Os estudos sobre formação esportiva e formação escolar no Brasil são considerados recentes. Segundo Azevedo *et al.*, (2017), os primeiros estudos sobre o tema surgiram na Europa e Estados Unidos, por volta da década de 1970 e, no Brasil, o foco sobre o tema teve início nos anos 2000. Tal ação foi oriunda da preocupação de um grupo de pesquisas da cidade do Rio de Janeiro, intitulado Laboratório de Pesquisa em Educação do Corpo (Labec). A principal intenção dos pesquisadores neste projeto foi investigar barreiras enfrentadas por estudantes-atletas dentro dos espaços formativos: a escola e os clubes de futebol.

Tanto para Soares (2011) como para Bartholo *et al.*, (2011) uma das principais barreiras vivenciadas pelos estudantes-atletas está relacionada ao fato de que muitos jovens atletas têm de viver uma “dupla carreira”, em que a administração do tempo passa a ser fator determinante de suas escolhas e prioridades futuras. Além disso, outra preocupação apresentada por pesquisadores brasileiros (MARQUES e SAMULSKI, 2009) se refere à frustração enfrentada por muitos destes atletas, que acabam por não conseguir alcançar a profissionalização. Soares (2017) aponta que muitos jovens, ao longo de suas vidas como atletas de alto rendimento, acabam priorizando os treinamentos e colocando a vida escolar em um plano secundário. Tal situação, segundo o autor, pode acarretar um problema futuro de grandes proporções, visto que no mercado esportivo não existe espaço para todos alcançarem o sucesso.

Sendo assim, no momento em que o jovem não se vê profissionalizado, ele também se encontra em dificuldade para adentrar ao mercado de trabalho, devido à falta de escolarização,

proveniente de um tempo dedicado a treinamentos que não garantem por si só que ele venha a ter sucesso e se torne um jogador profissional. A frustração também é resultado da responsabilidade que o jovem atleta deposita sobre si, ao saber que não conseguiu realizar o sonho pessoal e de sua família (MARQUES e SAMULSKI, 2009).

Além disso, de acordo com Damo (2005), Rial (2006) e Paoli (2007), o mercado esportivo, em especial o do futebol, é um mercado com particularidades. Uma destas, é que a modalidade nos últimos tempos passou a adotar um estilo de mercado diferenciado. Cada vez mais, jovens atletas pertencentes a classes econômicas baixas são incentivados a iniciarem em um universo em que um dos principais interesses é o de acumular capital financeiro, fazer sucesso e enriquecer. Para Marques e Samulski (2009), após os fatores familiar e pessoal, o fator financeiro tem destaque no que diz respeito ao planejamento da carreira destes jovens atletas de futebol.

Um agravante nesse contexto é a influência exercida pela mídia sobre a perspectiva que estes jovens têm da cultura futebolística. Os meios de comunicação na maior parte das vezes ilustram a vida de jogadores renomados, mostrando quanto eles valem para seus clubes, os valores extraordinários de seus salários, as bonificações que conquistam, suas vidas luxuosas e a fama que adquirem devido a profissionalização. É praticamente um espetáculo, em que todos os atores, um dia, conseguirão alcançar o papel principal. Mas, não é bem assim. Eles se esquecem de transmitir a informação de que uma parcela minoritária consegue alcançar este status. Isto é algo preocupante, pois a incorporação desta ideia acaba por afastá-los (jovens) das possibilidades que o ambiente escolar pode proporcionar ao desenvolvimento do sujeito, principalmente no que concerne ao capital cultural e a vida profissional (SOARES *et al.*; 2011).

Diante de todas estas dificuldades expostas pelos autores enunciamos o nosso problema de pesquisa a partir da seguinte questão: qual o espaço da escolarização na vida de jovens atletas de futebol e como ela é tratada pelo clube formador?

Assim, frente ao exposto, o objetivo geral do estudo foi: investigar o sentido da escolarização para jovens atletas de futebol e seu clube formador. Já os objetivos específicos foram: (1) Identificar a visão que atleta, treinador e dirigente possuem sobre a escolarização de jovens atletas de futebol e (2) identificar as possíveis iniciativas formativas que o clube adota para seus atletas.

Com a intenção de clarear nossa visão acerca do tema tratado e atender ao nosso objetivo, esse estudo tem a seguinte organização: Revisão da literatura – apresentando os autores que

estudaram e discutiram os principais problemas relacionados a este tema; Procedimentos metodológicos – apresentando a maneira como procedemos nosso estudo; Resultados e Discussão – descrevendo e discutindo os dados com base nos autores que tratam a temática dessa pesquisa. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

A literatura existente relacionando a formação esportiva e a formação escolar no país não é tão ampla. O motivo que nos permite evidenciar esta afirmação está baseado no fato de que o primeiro estudo sobre o tema surgiu na década de 2000, o que o torna um tema recente. Entretanto, frente às leituras realizadas, foi possível proceder ao levantamento de seis categorias que correspondem à temática tratada e que podem nos ajudar a enriquecer e iluminar a compreensão do objeto de pesquisa. São elas: (1) *relação atleta/escola*; (2) *relação atleta/treinamento*; (3) *relação familiar*; (4) *classe social*; (5) *papel do clube* e (6) *fatores motivacionais para a prática do futebol*.

A primeira categoria concentra as pesquisas que procuram evidenciar a realidade escolar vivenciada por jovens atletas. Elas discutem as dificuldades encontradas por eles ao longo da formação básica, as estratégias criadas por eles para conseguirem avançar de ano escolar sem serem prejudicados em seus clubes e também um pouco da percepção que estes garotos têm sobre o processo de escolarização.

Assim, trataram a respeito desta categoria autores como: Souza *et al*; (2008); Marques e Samulski (2009); Soares *et al*; (2010); Bartholo *et al*; (2011); Almeida e Souza (2013); Azevedo (2014); Correia (2014); Melo, Soares e Rocha (2014); Freitas (2014); Conceição (2015); Melo *et al*; (2015).

No estudo realizado por Souza *et al.*, (2008) os estudiosos tiveram como objetivo analisar parte da trajetória de vida de dois jovens que realizaram testes em um grande clube de futebol europeu na década de 1990. Para obtenção dos dados os pesquisadores realizaram entrevistas, diários de campo e utilizaram matérias jornalísticas que retratam a escola.

Ao analisarem os dados, concluíram que são raras as situações em que há uma reconversão daqueles que não conseguem se profissionalizar referente ao mercado de trabalho formal, pois deixam a escola de lado em busca do sonho maior, se tornar um jogador de futebol profissional e, quando percebem, a dificuldade já está instalada.

Marques e Samulski (2009) ao realizarem uma análise da carreira de jovens atletas de futebol, pertencentes a equipes de alto rendimento do futebol brasileiro, em uma fase transitória da caminhada esportiva, tiveram como um dos objetivos principais do estudo: diagnosticar dados relativos à escolarização dos atletas. Para isso, realizaram uma pesquisa composta por 186

jogadores de futebol, com média de 18,46 anos de idade. Como instrumento de coleta de dados utilizaram uma entrevista estruturada contendo 46 questões desenvolvidas a partir do Athletic and Postathletic Questionnaire (Questionário Atlético e pós-atlético) e do Sports Career Transitions Questionnaire (Questionário de Transições da Carreira Esportiva), além de uma entrevista semiestruturada.

Frente os resultados, os autores apontam, em relação à escolarização dos atletas, que grande parte deles se encontra em defasagem escolar se comparada à série correspondente a idade. Também explicitam que mais da metade dos atletas pesquisados tiveram, em algum momento, que abandonar a escola para se dedicarem ao esporte.

Soares *et al.*, (2010) também trilharam a mesma direção e, em estudo realizado, objetivaram dimensionar e problematizar o impacto temporal que a formação no futebol pode ter na vida de atletas em formação no futebol que se encontram no período da escolarização básica. Para isso, foram realizadas entrevistas estruturadas e semiestruturadas com 417 jogadores de futebol das categorias de base, inscritos entre 2008 e 2009 na Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro.

De acordo com os autores, se projetarmos a quantidade anual de tempo (688:00:00 horas) gasto pelos atletas com os treinamentos, pelos nove anos da formação básica, podemos perceber que os atletas chegam a dedicar um total de 6192:00:00 horas de suas vidas para o futebol. Enquanto isso, na escola, ao longo dos nove anos de formação, dedicam 7200:00:00 horas de suas vidas aos estudos. Isso sugere o quão grande é o investimento de tempo destinado por estes jovens na busca pela profissionalização e um pouco da desmotivação em relação ao ambiente escolar. Eles também afirmam que os atletas negociam estratégias de flexibilização escolar, ou seja, que através de diálogos com os professores, conseguem organizar as suas demandas escolares, deixando claro o papel secundário da escola para o futuro de suas vidas.

Soares (2011) ainda sobre a categoria relação atleta/escola evidencia que grande parte destes jovens atletas agrega mais valor a formação esportiva do que a formação escolar e buscam realizar investimentos financeiros, de tempo e de saúde em torno do futebol devido ao fato de estarem desiludidos com o sistema escolar brasileiro. Segundo o autor, estes atletas enxergam no futebol uma oportunidade ímpar para alcançarem aquilo que, em uma jornada de vida escolar ou de trabalho formal, talvez, nunca conseguiriam.

Corroborando, Bartholo *et al.*, (2011) tiveram o propósito de comparar e analisar o tempo de treinamento no futebol e a rotina escolar de jovens atletas espanhóis e brasileiros. A amostra foi composta por jovens atletas, com idades entre 14 e 20 anos, que atuam na primeira divisão de suas respectivas categorias.

Neste estudo, os autores apresentaram um olhar tanto quanto diferente, pois os dados analisados mostraram que em ambos os países o futebol não se mostra um inimigo para a permanência dos jovens atletas na escola. Na Espanha, 100% dos atletas entrevistados, entre 15 e 17 anos estavam matriculados na escola e, no Brasil, 96,9% também permaneciam matriculados no ensino básico. Segundo os autores, mesmo havendo 3,1% de atletas-estudantes do Rio de Janeiro que não estavam matriculados, esta porcentagem não pode representar o futebol como sendo o causador deste abandono, já que os números gerais do Estado apontaram uma taxa de evasão superior a obtida no referido estudo.

Lima e Bossle (2013) também se encarregaram de tratar esta categoria e tiveram como objetivo principal verificar quais as representações que atletas de futebol de alto rendimento fazem da escola e do futebol. Para isso, realizaram entrevistas com oito (8) atletas das categorias de base de dois (2) clubes tradicionais da cidade de Porto Alegre, com idades entre 13 e 17 anos.

Com base nos dados, os autores indicam que os jovens atletas, apesar de suscitarem a importância da escola e dos estudos em geral, preferem investir maior parte do tempo e energia para alcançar a profissionalização e não para se dedicar a trajetória escolar.

Almeida e Souza (2013) procuraram analisar o abandono dos estudos por parte de atletas de futebol de Categorias de Base de Belém. O estudo foi composto por 153 atletas de futebol, do sexo masculino, com idades entre 14 e 18 anos, de seis (6) clubes do Belém/PA. A metodologia seguida se baseou tanto em aspectos qualitativos e quantitativos e o instrumento da coleta de dados se consolidou em um questionário de 29 questões.

A respeito dos dados encontrados, os autores indicam no estudo que a maioria dos atletas pesquisados (86,9%) estão matriculados na escola. Entretanto, grande parte deles se encontram em uma situação de déficit com a escola, pois já repetiram, atrasaram ou se encontram em defasagem no ambiente escolar (73,7%).

Em sua dissertação de mestrado, através de uma abordagem plurimetodológica do tipo qualitativa/quantitativa, Azevedo (2014) buscou investigar de que maneira se constroem as

estratégias de conciliação entre a formação esportiva e escolar em atletas de elite que servem às seleções brasileiras masculinas de basquetebol Sub 17 e Sub 19.

Neste estudo a principal conclusão do autor foi a de que as estratégias utilizadas pelos atletas das seleções masculinas de basquetebol para conciliar a formação esportiva e a formação escolar não se afastam das estratégias utilizadas por outros atletas, de outras modalidades e que também são citadas nesta revisão. A principal delas gira novamente em torno da flexibilização ofertada por professores e diretores em relação à remarcação de avaliações, trabalhos e abono de faltas, o que sugere uma “contribuição” da escola para o incentivo da carreira esportiva destes jovens atletas.

Também em dissertação de mestrado, Correia (2014) procurou analisar no colégio do clube Vasco de Gama, as possíveis diferenças na conciliação entre esporte e escola em cada modalidade, a saber: futebol, remo e atletismo. Além disso, também procurou identificar o papel do colégio dentro desse processo de conciliação.

Com relação à categoria apresentada, o autor chegou à conclusão de que dentro do colégio clube também existe a flexibilização da rotina escolar em função das demandas esportivas. Abono de faltas quando o atleta necessita viajar com o clube para competições distantes, remarcação de avaliações e abono de atrasado se o motivo justificado estiver aliado à prática esportiva são estratégias concedidas pelos professores e utilizadas pelos atletas para facilitar suas vidas em relação aos estudos.

Melo, Soares e Rocha (2014) tiveram o objetivo de descrever o perfil escolar de atletas que atuam no Estado do Rio de Janeiro e que se encontram no período da escolarização básica. Utilizaram no estudo uma abordagem quantitativa e qualitativa sobre os dados coletados. As entrevistas foram de tipo estruturadas com amostra não probabilística compostas por 417 jogadores das categorias de base, inscritos em 2009 junto a Federação de Futebol do Rio de Janeiro. Além disso, também realizaram 30 entrevistas do tipo semiestruturadas para compor todos os dados coletados.

Os autores salientam que os jovens atletas pesquisados atribuem mais valor ao esporte do que ao processo de escolarização, pois enxergam no esporte um caminho mais curto para conquistar uma ascensão social e financeira, visando uma melhor qualidade de vida.

Em outro estudo, Freitas (2014), realizou uma pesquisa em que buscou avaliar o andamento do processo de escolarização de jovens atletas. Seu estudo possuiu caráter qualitativo,

realizado através de entrevistas semiestruturadas e contou com a participação de doze (12) atletas pertencentes à seleção capixaba sub-14 de basquetebol.

Os resultados indicam que apesar dos atletas reconhecerem o valor da escola e dos treinamentos para suas formações humanas, grande parcela dos atletas indicou a carreira esportiva como futuro profissional desejado, colocando a formação escolar como plano secundário de suas vidas. Segundo o autor, tal opção é incentivada pelo fato de existir certa flexibilização por parte da escola em atender estes estudantes-atletas quando eles precisam viajar junto ao clube para competições, o que torna a escola uma espécie de mãe acolhedora, contribuindo indiretamente no processo de formação esportiva destes garotos.

Da Conceição (2015) investigou como estudantes-atletas, entre 14 e 17 anos de idade, pertencentes das categorias de base do Avaí Futebol Clube e do Figueirense Futebol Clube vivenciam o espaço e a formação escolar, sobretudo no momento em que se encontram profissionalizados e ainda participantes do processo de escolarização. Para isso, o autor realizou um estudo etnográfico em duas escolas públicas do estado de Santa Catarina, que possuem parceria com os clubes citados.

Uma das conclusões a que o autor chegou foi a de que em meio ao espaço escolar, os estudantes-atletas encontram dificuldades para se relacionar com os demais estudantes, pois são considerados “forasteiros” naquele ambiente, por representarem grupos sociais distintos. Assim como os estudos citados anteriormente, também há flexibilização “oportunizada” pelos professores, coordenadores e diretores, que acabam por negligenciar a vida destes jovens no processo de escolarização e incentivar cada vez mais a busca pela carreira esportiva. Por fim, ressaltam que o único aspecto em que a escola apresenta rigidez para com estes estudantes-atletas diz respeito à frequência, já que um número exagerado de faltas pode acarretar a repetência.

Melo *et al.*, (2015) procuraram analisar o tempo que atletas dedicam à formação profissional no futebol e à escola básica. Para isso, realizaram entrevistas estruturadas com 228 atletas, das categorias de base sub-17 e sub-20, de 19 clubes da cidade do Rio de Janeiro e também de fora dela.

Os autores evidenciam no estudo e alertam que os atletas entrevistados revelaram contar com o auxílio dos professores em relação às faltas, remarcações de provas e trabalho em função das demandas dos clubes. Isso sugere novamente uma flexibilização ofertada pela escola, o que

acaba por contribuir para que estes atletas devotem-se na busca pela profissionalização a todo custo, mantendo a escola como válvula de escape.

A segunda categoria diz respeito à rotina de treinamentos que os jovens atletas mantêm e qual a interferência desta jornada na vida escolar destes garotos. Diante disso, as pesquisas nos atentam para a rigidez dos clubes em relação às demandas de treinamento, jogos e viagens diversas e a consequente dificuldade destes atletas na conquista de tempo para conciliar os treinamentos e estudos.

Sobre a segunda categoria, trataram a respeito: Soares *et al.*, (2010); Bartholo *et al.*, (2011); Almeida e Souza (2013); Correia (2014); Melo, Soares e Rocha (2014); Freitas (2014); Da Conceição (2015).

Soares *et al.*, (2010) apontaram que diferentemente da escola, dentro dos clubes não existe a flexibilização das demandas solicitadas, ou seja, dentro dos clubes os atletas são obrigados a cumprirem a risca todos os tipos de treinamentos ofertados. Isto segundo o autor se torna algo preocupante, pois nos dá a dimensão de que os clubes buscam usufruir ao máximo das potencialidades físicas de seus jovens atletas.

Bartholo *et al.*, (2011) sobre a relação atleta/treinamentos chegaram a conclusão de que o tempo gasto com treinamentos na Espanha chega ser a metade do tempo gasto no Brasil, o que sugere uma inversão de prioridades refletida tanto na formação escolar, quanto na formação esportiva destes jovens.

Corroborando com a categoria em questão, Almeida e Souza (2013) apresentam que há dificuldade em conciliar a rotina de treinamentos com a jornada escolar, principalmente na fase próxima à profissionalização, em que passam os estudos para o período noturno, o que acaba por dificultar ainda mais o processo de escolarização, uma vez que estando matriculados neste período o tempo para a realização das atividades extracurriculares é praticamente inexistente.

Correia (2014) também conclui que a modalidade esportiva a qual os atletas estão inseridos gera uma dificuldade na conciliação entre o esporte e o processo de escolarização ofertado pelo clube, pois algumas práticas como, por exemplo, o futebol, possui treinamentos mais intensos, mais longos ou até mesmo mais competições a se disputar do que o remo e o atletismo, o que influencia e acaba por afetar a rotina escolar dos estudantes-atletas desta modalidade.

Melo, Soares e Rocha (2014) citam que os jovens atletas do Estado do Rio de Janeiro são jovens que conseguem vivenciar uma rotina escolar. Entretanto, salientam que a troca de turno escolar devido aos treinamentos e o baixo capital cultural afetam diretamente a qualidade do processo de escolarização dos mesmos.

Freitas (2014) nos diz que segundo os atletas pesquisados em seu estudo, o tempo gasto em treinamentos não influencia o rendimento escolar, mas que em semanas de prova a conciliação entre os treinos e a escola se torna um tanto quanto árdua, o que dificulta a rotina escolar dos mesmos.

Por fim, Conceição (2015) explicita a descontinuidade vivenciada por estes atletas com a escola, uma vez que lidam diariamente em seus clubes com inúmeros treinamentos, viagens e jogos, o que dificulta a presença nas aulas.

A terceira categoria denota as pesquisas que buscam evidenciar a participação familiar ao longo da vida destes jovens como atletas. Podemos perceber o contraste entre as intenções da família ao apoiar o jovem atleta para que ele se profissionalize e a dificuldade enfrentada pelos atletas ao se distanciarem de seus familiares em busca deste sonho.

Sobre a relação familiar Souza *et al.*, (2008); Marques e Samulski (2009); Melo, Soares e Rocha (2014) foram os que mais se destacaram.

Souza *et al.*, (2008) ao analisarem os dados chegaram à conclusão de que início da carreira esportiva dos jovens, principalmente aqueles das camadas mais populares, provém de um projeto familiar, pois todos os familiares buscam ajudar o jovem a realizar o sonho da profissionalização e usufruir da ascensão social que ela possibilita.

Também validando esta categoria, Marques e Samulski (2009) apresentam que o distanciamento familiar se enquadra como um dos principais problemas enfrentados pelos jovens atletas ao longo de suas carreiras.

Finalizando esta categoria, podemos perceber nas conclusões de Melo, Soares e Rocha (2014) que a busca pela profissionalização no futebol se torna um anseio familiar, já que sofrem dentro da própria casa uma enorme pressão para se tornarem atletas profissionais a qualquer custo, pois esta conquista pode se tornar o futuro assegurado da família.

Ao alçar a quarta categoria, podemos nos deparar com aquelas pesquisas que procuram demonstrar a realidade social encarada pela maioria dos jovens atletas que buscam se profissionalizar no mundo do futebol.

Marques e Samulski (2009); Soares *et al.*, (2011) são os mais persistentes em desvelar este problema.

Marques e Samulski (2009), concluíram que a maior parte dos atletas é oriunda de famílias com classes socioeconômica média-baixa e baixa. Segundo os autores, este é um problema de grandes dimensões, já que está diretamente ligado a dificuldade que estas classes possuem de adquirir um capital cultural diferenciado.

Na mesma direção segue Soares *et al.*, (2011), pois concluíram que o mercado desta modalidade é altamente valorizado e solicitado também por jovens pertencentes as camadas populares do país, uma vez que nestas camadas se concentram aqueles jovens desprovidos de grandes oportunidades de ganho cultural, o que desenvolve as suas buscas no mundo da profissionalização no futebol, visando um fomento de suas realidades sociais.

A quinta categoria traz aquelas pesquisas que apresentam a visão dos clubes sobre o processo de escolarização de seus atletas. Buscam exprimir também se há procedimentos adotados pelos clubes para que auxiliem seus atletas em relação à escolarização.

Autores como: Correia (2014) e Conceição (2015) foram àqueles que apresentaram em seus estudos maior discussão sobre o papel do clube na formação esportiva e formação escolar dos jovens atletas.

Correia (2014) em seu estudo foi capaz de concluir que o clube pesquisado age de forma ativa na conciliação entre o processo de formação esportiva e formação escolar de seus atletas. Entretanto, mostra que esta ação do clube gira em torno de uma conciliação em que, na maioria das vezes, somente o próprio clube sai beneficiado. Isto porque as estratégias utilizadas como o abono de faltas, remarcações de prova e outras, são realizadas nos momentos em que o clube necessita utilizar os jovens em longos treinamentos, jogos ou viagens importantes, causando assim, certo detrimento sobre o período escolar destes jovens atletas.

No entanto, em outro estudo, Conceição (2015) deixa claro que ao realizar a pesquisa em dois clubes do Estado de Santa Catarina, concluiu que ambos os clubes consideram ser a escola uma promotora eficiente das relações sociais entre seus atletas e outros jovens, pois se torna um ambiente propício a novas amizades, novas experiências e ao ganho de novos conhecimentos que não sejam somente voltados ao âmbito esportivo. Esta é uma visão interessante, pois demonstra que o clube tem ciência da importância do processo de escolarização de um jovem.

Finalmente, a sexta categoria nos conduz as pesquisas que procuraram solidificar os motivos que levam os jovens atletas a escolherem o futebol como carreira a seguir. Sendo assim, trazem informações que relacionam o sonho da profissionalização diante as oportunidades ímpares ofertadas pela carreira esportiva de alto rendimento e qual o papel da mídia neste contexto.

Soares *et al.*, (2011); Lima e Bossle (2013) são os autores que retratam de forma efetiva esta última categoria.

No estudo de Soares *et al.*, (2011), os autores nos afirmam que as extraordinárias remunerações, as ilustres viagens para conhecer e até morar em outros países, além do grande status social advindo do meio esportivo apresentados pela mídia são os fatores que acabam por seduzir completamente estes jovens atletas para o mercado esportivo do futebol.

Lima e Bossle (2013) também apresentam ultimação paralela, pois afirmam que muitos dos jovens que buscam a profissionalização no futebol veem uma maior chance de ascensão social seguindo o caminho esportivo, entretanto, que em alguns casos, o reforço para buscar este sonho vem da família, diante o capital cultural possuído pelos pais.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

#### 3.1 Pesquisa do tipo qualitativa: estudo de caso

Para o desenvolvimento do estudo optamos por uma pesquisa de natureza qualitativa. O conceito de pesquisa qualitativa pode ser reforçado através de cinco características que dão originalidade a este tipo de estudo: (1) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como a sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; (2) os dados coletados são predominantemente descritivos; (3) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; (4) o “significado” que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador e (5) a análise de dados segue um processo indutivo. (BOGDAN e BIKLEN apud LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 11).

Ainda em relação às características da pesquisa qualitativa, Gil (2002), ressalta que para que a pesquisa qualitativa seja realizada de forma assertiva, é necessário que fatores como a natureza dos dados coletados, a extensão do ambiente, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos estejam bem definidos e organizados, possibilitando assim coerência à pesquisa.

Portanto, este estudo será caracterizado, de fato, por uma pesquisa de natureza qualitativa, já que seu desenvolvimento ocorrerá em uma situação natural, permeada de um plano aberto e flexível, contando com inúmeros dados descritivos, focalizando de forma complexa e contextualizada uma realidade específica para que possamos compreendê-la de forma mais ampla (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

No âmbito da pesquisa qualitativa, optamos pela abordagem do *Estudo de Caso*. De acordo com Lüdke e André (1986), este tipo de estudo se caracteriza por ser o estudo de *um* caso, sendo ele simples e específico, em que há rigorosa delimitação em torno de seus objetivos e que, mesmo podendo se assimilar a outros, sempre será diferenciado, pois possui um interesse particular.

Lüdke e André (1986) afirmam que, assim como existem as características gerais da pesquisa qualitativa, o *estudo de caso* também possui suas características fundamentais. Elas se destacam em sete: (1) os estudos de caso visam à descoberta; (2) os estudos de caso enfatizam a “interpretação em contexto”; (3) os estudos de caso buscam retratar a realidade de forma

completa e profunda; (4) os estudos de caso podem usar uma variedade de fontes de informação; (5) os estudos de caso revelam experiência vicária e permitem generalizações naturalísticas; (6) estudos de caso procuram representar os diferentes e às vezes conflitantes pontos de vista presentes numa situação social e (7) os relatos do estudo de caso utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa.

### **3.2 Caracterização do caso a ser estudado**

Frente às características apresentadas, podemos afirmar que o nosso *caso* será delimitado através de uma pesquisa realizada em um clube de futebol profissional, situado na cidade de Goiânia-GO. O clube é uma instituição de grande tradição na cidade.

O clube possui um estádio próprio. É também um clube estruturado, já que possui uma sede própria com diversos departamentos, dentre eles: departamento financeiro, departamento de marketing, departamento jurídico, departamento administrativo e outros. Também conta com um grande número de torcedores espalhados por toda a cidade e no Estado em geral. Estes torcedores representam papel significativo na antiga e atual história da instituição, já que sempre contribuíram com sua paixão e também financeiramente.

Alinhado aos torcedores, o clube desenvolveu e conta atualmente com um programa de relacionamento e fidelização entre ele e seus torcedores, o chamado sócio-torcedor. Tal programa tem o objetivo de incentivar a integração entre seus adeptos e o clube.

Também faz parte da estrutura do clube um grande centro de treinamento, que atende a equipe profissional, as categorias de base, as crianças da iniciação esportiva (escolinha) e os próprios torcedores.

A equipe profissional possui uma estrutura diferenciada, em que conta com o auxílio de diversos profissionais. Dentre eles: treinadores, preparadores físicos, médicos e outros.

Além da equipe profissional, o clube também concentra esforços no investimento das categorias de base e na iniciação esportiva. O objetivo do clube com estas equipes é recrutar, desenvolver e revelar jovens garotos para o universo da profissionalização no mundo esportivo, através do futebol. Sendo assim, o clube possui um departamento voltado para o gerenciamento destas categorias, o departamento de futebol amador. Este departamento conta com a presença de um diretor e também de um coordenador, que são responsáveis por organizar toda a demanda das

quatro (4) categorias, que se estende desde a burocracia de contratos junto à federação até o monitoramento da frequência destes atletas na escola.

As categorias de base também contam com o auxílio de profissionais como: treinadores, preparadores físicos, massagistas, roupeiros e outros. Todo este auxílio é voltado ao bem estar e desenvolvimento dos jovens atletas, para que consigam futuramente se tornarem atletas profissionais.

### **3.3 Os sujeitos participantes**

Na escolha dos sujeitos participantes optamos por selecionar diferentes atores dentro do clube. Escolhemos para participar do estudo seis (6) atletas da categoria de base (sub-19), um treinador da categoria de base (sub-19) e também o diretor geral das categorias de base do clube.

O critério utilizado para escolhemos os atletas da equipe sub-19 se estruturou no fato primordial de que estes jovens atletas vivenciam uma fase de transição nas suas respectivas vidas entre: as categorias amadoras e a categoria profissional.

O critério utilizado para a escolha do treinador da categoria sub-19 se deu pelo fato dele ser a figura responsável, dentro da equipe, por comandar as ações realizadas por cada um dos jovens atletas durante esta fase de transição vivenciada por cada um deles. Diante disso, ele se torna um ator interessante dentro da pesquisa, pois pode certificar quais as dificuldades seus atletas passam nesta fase e também qual a relação de escolarização dentro de seu trabalho com estes jovens.

Por fim, o critério utilizado para a escolha do diretor partiu do pressuposto de que ele é uma peça fundamental na supervisão do trabalho do treinador e também em como os atletas tem se desenvolvido tanto na esfera da formação esportiva, quanto da formação escolar.

### **3.4 Instrumento de coleta de dados**

Para a coleta de dados optamos pela entrevista. Segundo Lüdke e André (1986), a entrevista é um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Diferentemente de outros instrumentos de pesquisa, a entrevista não promove uma relação hierárquica entre pesquisador e o pesquisado. Ainda seguindo o conceito das autoras, notamos que a entrevista gera um ambiente

propício para que se obtenha um diálogo aberto e proveitoso entre a pessoa que pergunta (pesquisador) e quem responde (pesquisado), na medida em que a cada questão, uma interação é estabelecida entre ambos. Particularmente, sobre nosso caso, tal ambiente proveitoso perpassa por uma interação de confiança entre o pesquisador e os sujeitos participantes: jovens atletas, treinador e diretor esportivo.

Gil (2002) aponta que a entrevista é uma técnica, tendo sua efetivação no momento em que duas pessoas, estando “face a face” iniciam um momento de perguntas e repostas, em que uma delas somente formula questões e a outra somente responde. Para Lüdke e André (1986), a entrevista permite a absorção instantânea e direta da informação sobre qualquer tipo de informante e/ou assuntos, ou seja, a entrevista é instrumento ativo, tendo alcance a qualquer indivíduo ou grupo.

Além disso, sabemos que ela permite ao pesquisador realizar correções, extinguir dúvidas e modificar algumas situações dentro da entrevista, fazendo com que ela fique mais eficaz na obtenção das informações que se pretende analisar (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). Sendo assim, notamos que um dos pontos bastante marcantes da entrevista é o de criar novas estratégias durante a sua realização para conseguir alcançar seu objetivo.

Dentre os cuidados que devem ser tomados no desenvolvimento de uma entrevista tomamos como exemplo a “Inabilidade de um entrevistador ou repórter que antecipa e força a resposta do informante, através da própria pergunta, quase não deixando margem de liberdade de resposta, a não ser a própria confirmação.” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p.33) Portanto, na intenção de não cometer este equívoco, compreendemos que este processo deve ser cauteloso, seguindo uma lógica em que o pesquisador deva respeitar a individualidade do sujeito, através de uma relação amistosa e imparcial.

No âmbito da entrevista optamos pela semiestruturada, um tipo de entrevista não padronizada. Ela será guiada através de um roteiro prévio de questões, que permitirá ao pesquisador grande flexibilidade no momento das perguntas colocadas frente os atletas, treinador e diretor esportivo. Será por meio do início do diálogo com o entrevistado que a entrevista, de fato, ganhará vida. É nesse instante que o entrevistador começa a perceber o “rumo” que a conversa e, conseqüentemente, a pesquisa, pode tomar.

### 3.5 Técnica de análise de dados

Para análise dos dados foi realizada inicialmente a transcrição das entrevistas. Feito isso, principiamos a lidar com o tratamento das informações obtidas no diálogo com os pesquisados.

No que diz respeito à análise dos dados, optamos pela técnica da Análise de Conteúdo. Para Franco (2007), o que inicia a análise de conteúdo é a mensagem, através de todas as formas que ela é capaz de adquirir, sendo ela verbal, gestual, documental, figurativa, silenciosa ou diretamente provocada. Corroborando, Bardin (1977) apresenta que a análise de conteúdo corresponde a certo quantitativo de técnicas, sendo estas capazes de descrever objetivamente o conteúdo das mensagens. Portanto, a análise de conteúdo se torna o momento fundamental da nossa pesquisa, pois é chegado o momento em que o pesquisador, através de um trabalho árduo e sistemático, inicia o processo de análise sobre todas as informações obtidas, devendo ter competência para julgar estas informações positivas ou negativas em razão do problema apresentado.

Ainda para Bardin (1977), a intenção maior da análise de conteúdo é constatar os conhecimentos adquiridos pelo sujeito, ou seja, desvendar ao máximo tudo aquilo que o informante é capaz de expor ao pesquisador. Sendo assim, para alcançarmos com clareza todas as mensagens fornecidas pelos jovens atletas, treinador e diretor esportivo, devemos primeiramente iniciar o delineamento do plano de pesquisa. Segundo Franco (2007), o delineamento de pesquisa é o momento em que o pesquisador monta um plano a fim de coletar e posteriormente analisar dados, com o intuito de responder as perguntas relacionadas ao caso em estudo. Em nossa pesquisa, esse momento pode ser constatado pela estruturação do roteiro de entrevistas. Diante disso, seguindo a ideia de Franco (2007), um bom plano, ou seja, um bom roteiro irá nos garantir que a teoria, a coleta, a análise e interpretação de dados estejam sempre interligados.

Por fim, devemos empreender a utilização das unidades de análise. Estas unidades se dividem em duas categorias: unidades de registro e unidades de contexto. A unidade de registro é a menor parte do conteúdo, cuja situação é afirmada em razão das categorias levantadas, que podem ser definidas em: palavra, tema, personagem e item (FRANCO, 2007). Por sua vez, a unidade de contexto se caracteriza justamente pela busca em compreender o sentido e o significado das mensagens obtidas pelo pesquisador através da entrevista. Ela, segundo Franco (2007), é a parte mais exaustiva do trabalho, já que requer uma análise ampla de todo o conteúdo

em posse do pesquisador. Esta etapa é o momento em que as informações coletadas podem ser avaliadas e seus contornos melhor definidos, ou seja, é o momento em que o tema (unidade de registro) é concretizado, pois uma simples palavra pode se tornar uma frase complexa através de um significado atribuído e um tema se transformar em um excelente parágrafo, por meio de um sentido.

A saber, pautaremos a referida pesquisa sobre a unidade de registro Tema. O Tema para Franco (2007) é considerado aquela unidade de registro mais valiosa, em análise de conteúdo. Isso porque é capaz de tratar várias informações, já que é uma asserção sobre determinado assunto. Em particular, nosso trabalho terá o seu Tema definido a partir das primeiras respostas dos entrevistados.

Contudo, estas são as etapas que vão delinear não só a construção da análise dos conteúdos obtidos ao longo da pesquisa, mas a pesquisa em geral, a fim de orientar o pesquisador no caminho mais organizado e conceituado. Assim, esperamos ao final de todo o processo, que as etapas descritas sigam um caminho fidedigno no que apresentam e nos ajudem a compreender um pouco mais do tema em foco, que é a vida escolar de jovens atletas.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao realizarmos uma análise minuciosa dos dados coletados, chegamos a um conjunto de *categorias* condizentes com o problema de pesquisa a ser tratado neste estudo. Em alguns casos as categorias emergiram do cruzamento dos dados obtidos nas falas dos atletas e em outros casos foi possível cruzar as falas dos atletas, treinador e diretor. Dentre elas, destacam-se oito: (1) *Início da trajetória no esporte*; (2) *Fatores motivacionais para a prática esportiva*; (3) *Trajетória escolar*; (4) *O tempo para a escola e o tempo para o esporte*; (5) *O papel da escola na vida de jovens atletas*; (6) *O papel do treinador na escolarização de jovens atletas*; (7) *O papel do clube na escolarização de jovens atletas* e (8) *Ações formativa*. Concomitantemente à apresentação das categorias, discutimos os dados com base na literatura especializada.

### 4.1 Início da trajetória no esporte

Ao iniciarmos o processo de análise dos dados, percebemos instantaneamente nas respostas dos sujeitos participantes que a maioria deles havia iniciado a vida esportiva no futebol com idades e em ambientes semelhantes. Todos os seis atletas relataram que o caminho dentro da modalidade teve início na infância. No entanto, três deles relataram que este início foi entre seis e oito anos de idade (*S3, S4 e S5*): “Eu iniciei aos oito (8) anos [...]” (*S3*); “Foi quando eu tinha seis (6) anos [...]” (*S4*); “Foi aos seis (6) anos de idade.” (*S5*).

Marques e Samulsky (2009) também apontaram dados semelhantes, mostrando que a média de idade na qual os atletas iniciaram suas jornadas esportivas em treinamentos regulares é de 8,95 anos (+- 2,77). Ainda sobre a idade de início nos treinamentos regulares, os autores expõe uma preocupação,

Este contato precoce com o treinamento estruturado depende muito da formação do treinador e da qualidade do treinamento, pois pode ser um fator limitador da criatividade, espontaneidade e motivação típicas das brincadeiras de rua. (MARQUES e SAMULSKY, 2009, p. 108).

Outro retorno concedido pelos atletas *S1, S3, S4, S5 e S6* foi que o ambiente escolhido para a prática inicial esteve amparado pela iniciação esportiva, nas escolinhas de futebol de suas respectivas cidades natais: “Desde pequeno lá na minha cidade, que é São José do Rio Pardo, eu comecei a jogar em escolinha [...]” (*S1*); “[...] na minha cidade natal, que é Jaraguá, na escolinha

de futebol lá.” (S3); “[...] na minha escola, que fica em Brasília, tinha uma escolinha de Futsal.” (S4); “Eu fui para o Corinthians junto com o J e nós jogamos juntos lá [...] e do Corinthians eu fui para a escolinha do Brasília.” (S5); “Foi em um time lá da minha cidade mesmo, em Araguaína, no Tocantins, na escolinha do Vila Verde.” (S6)

Diante disso, Marques e Samulsky (2009) também mostraram que as escolinhas de futebol vêm crescendo e foram responsáveis pela formação inicial de 33,9% dos atletas pesquisados por eles, ficando somente atrás da rua, local onde 54,8% dos atletas afirmaram terem aprendido a jogar futebol. Sobre isso, os autores nos mostram que, “As escolinhas parecem estar se proliferando, principalmente nos grandes centros urbanos, onde não é mais possível jogar na rua por questões de espaço e de segurança.” (MARQUE e SAMULSKY, 2009, p. 108).

Além disso, também percebemos os caminhos e estratégias utilizadas por estes jovens para que conseguissem adentrar em uma categoria de base. Sendo assim, alguns disseram que conseguiram iniciar o processo de aperfeiçoamento esportivo por conta da ajuda e apoio dos pais, de alguns amigos e até dos próprios treinadores para que chegassem até a categoria de base. Outros disseram terem sido observados por alguns “olheiros” ou empresários, despertando o interesse de alguns clubes para que fossem levados até as equipes de base. Vejamos as falas de S2, S1, S4, S5 e S6 para termos ciência disso: “[...] um amigo meu, ele conseguiu arrumar um teste para mim no São Paulo quando eu tinha 10 anos. Dai passei e fiquei cinco anos no São Paulo. Foi aí que começou [...].” (S2);

[...] ai quando eu fui crescendo eu falei com meus pais que eu queria jogar, jogar sério sabe? Ai eu comecei a fazer teste em clube. Aí eu fui no São Paulo, fui no Santos. Só que não deu certo. Ai meu primeiro clube foi lá no rio. Eles me levaram lá pra fazer teste no Nova Iguaçu do Rio, ai eu consegui. Ai eu fiquei lá e comecei a jogar sério mesmo. (S1, entrevista);

Pelas peneiras que tinham dos Santos lá em Brasília. Sempre os diretores da categoria de base do Santos iam nos avaliar e sempre tinha avaliação final que era lá em Santos. Com isso eu pude fazer a avaliação e passei e de lá fui para a categoria de base do Santos. (S4, entrevista);

Eu estava no Brasília, aí eu estava sendo monitorado pelo São Paulo e vim jogar um campeonato aqui em Goiás, em Jataí. Aí os olheiros dos Santos que estavam lá me chamaram. Aí fiquei lá um bom tempo, aí foi assim em diante tô aqui até hoje. (S5, entrevista);

Eu sai lá do Vila Verde e Fui para o time principal da cidade de Araguaína. Ai um dos caras que organizava lá me trouxe para jogar aqui em Goiânia [...] Ai quando cheguei aqui fiquei oito meses no Clube X, só que lá não tinha

alojamento, estava passando dificuldades e aí vim para o clube em que estou agora. (S6, entrevista).

Quanto às pessoas que auxiliaram os jovens na chegada até as categorias de base, percebemos que três deles foram levados por “olheiros” /empresários até os respectivos clubes em que iniciaram suas jornadas. Segundo Soares et al., (2011), os clubes vêm realizando grandes investimentos financeiros na intenção de recrutar e exportar jovens talentos do futebol. Para que isso aconteça, contam com a participação de “olheiros” e empresários, que ajudam a alavancar o mercado respectivamente com revelações e grandes transações para os clubes.

Finalmente, a luz dos autores Marques e Samulsky (2009) e Soares (2011), concluímos que a precocidade com que esses jovens atletas iniciam na prática do futebol está diretamente ligada à maneira com que o mercado desta modalidade atua. Para os clubes e até para os pais, quanto mais cedo a criança inicia o processo de aperfeiçoamento esportivo, mais chances ela terá de se profissionalizar. Entretanto, o que os pais não percebem, é que a intenção da maioria dos clubes e dos empresários está centrada em realizar a venda desses atletas e adquirirem capitais financeiros elevados, mostrando-se pouco interessados em auxiliar o processo de escolarização destes jovens.

#### **4.2 Fatores motivacionais para a prática do futebol**

Dentro deste tema, fomos capazes de perceber os reais objetivos dos atletas ao jogarem futebol. Além disso, também conseguimos notar a expectativa que estes sujeitos têm de se tornarem jogadores profissionais.

Cinco atletas disseram que os principais objetivos ao jogarem futebol estão centrados na busca de ascensão e reconhecimento social decorrente da profissionalização, além de quererem ajudar financeiramente suas famílias. Vejamos isto nas falas de S2, S3, S4, S5 e S6: “Eu quero ser um cara bem sucedido. Quero tá tendo um nome dentro do futebol e é isso que eu procuro e é esse que é o meu objetivo [...] além de querer ajudar a minha família.” (S2); “Uai, ser um grande jogador né? Dentro do futebol brasileiro. E aí com o tempo quando eu for crescendo ir para Europa. Quero ajudar minha família também, que é uma família humilde.” (S3); “[...] chegar no profissional e a cada dia subir mais na vida.” (S4); “[...] você ser um jogador bem sucedido e crescer cada vez mais ao longo da carreira, evoluir, chegar ao nível mais alto.” (S5); “[...] subir na

vida, crescer na vida e alcançar a seleção brasileira [...] Ah, espero uma condição melhor para ajudar a minha família também.” (S6).

Sobre estes fatores motivacionais para a prática do futebol, podemos ressaltar o papel da mídia e da própria família, que incentivam estes jovens a se tornarem jogadores profissionais, criando a esperança neles de que todos aqueles que alcançarem a profissionalização se tornarão jogadores bem sucedidos e estáveis financeiramente. Porém, segundo Soares et al., (2011), as informações de que os salários do futebol brasileiro estão, em sua maioria, muito distantes das perspectivas destes jovens garotos não são enfatizadas pela mídia. Para eles, o que existe é o reforço midiático sobre as raras exceções no futebol, ou seja, a apresentação daqueles poucos jogadores que ganham milhões com o esporte, para que os jovens, sobretudo das camadas populares, se iludam e se lancem na aventura da busca pela profissionalização. Diante disso, os próprios autores reforçam que:

Claro que essas informações circulam nas mídias, mas não são enfatizadas, o destaque é dado as carreiras de sucesso financeiro e esportivo [...] Contudo, esses dados, quando divulgados na mídia, parecem não desestimular a busca pela profissionalização no futebol. Poder-se-ia pensar que o sonho dos jovens que estão atuando nas categorias de base, de ser um “Kaká” ou qualquer outro famoso jogador que atua na Europa, está longe das estatísticas positivas de riqueza nesse mercado. (SOARES et al., 2011).

Uma das informações que, provavelmente, não recebe a devida atenção da mídia, é a de que segundo o relatório do Departamento de Registros e Transferências de Jogadores da CBF, 82,40% dos atletas brasileiros recebem até R\$ 1.000,00 mensais. Os que ganham até R\$ 5.000,00 são 13,68% e somente 1,77% chegam a receber mais que R\$ 50.000,00 (CBF, 2016). Além disso, outro dado apontado pelo mesmo relatório mostra que 209 atletas que eram profissionais no Brasil foram exportados para fora do país como atletas amadores. Tais dados nos deixam a par da realidade vivida pelos atletas profissionais do país, mostrando que alcançar uma ascensão social e financeira não é, ou pode não estar tão perto quanto os jovens atletas imaginam.

Entender a influência familiar nesse contexto também é importante. Em alguns casos, a própria família é quem incentiva o jovem a seguir o sonho de se profissionalizar como jogador de futebol, mostrando a ele que neste caminho, o mesmo poderá ter êxito social e financeiro. Entretanto, para Lima e Bossle (2013), esse incentivo familiar está diretamente ligado ao capital

cultural<sup>1</sup> tido pela família do atleta. Segundo os autores, as famílias que possuem maior capital cultural (pais com nível de escolarização elevado), na maioria das vezes, alertam seus filhos em relação aos riscos envolvidos na busca pela profissionalização e os orientam sobre a importância da escolarização durante esta busca. Em contrapartida, salientam que as famílias menos favorecidas deste capital, geralmente encontram dificuldades nesta orientação aos filhos. Elas se tornam as que procuram incentivar, primordialmente, o sonho destes garotos em relação ao futebol em detrimento do processo de escolarização, visto que por vezes desconhecem os riscos envolvidos neste mercado, mas, sobretudo, pelo fato de não atribuírem significância à formação escolar em suas vidas, se tornando coadjuvantes para que o sonho de seus filhos se torne realidade.

No entanto, mesmo sobre a influência da mídia que esconde alguns fatos da realidade de vida da maioria dos profissionais espalhados pelo Brasil e de algumas famílias que buscam sustentar o sonho da profissionalização nestes jovens a todo custo, percebemos que os atletas desconsideram os ricos. Quatro dos atletas entrevistados consideram grande a chance em integrar a equipe profissional de seu clube e trilharem um percurso de sucesso nos caminhos do esporte de alto rendimento. As falas de *S1*, *S2*, *S3* e *S4* nos ajudam a enxergar a perspectiva dos atletas: “Melhorar eu tenho que melhorar muito, mas hoje acho que são grandes sim as chances de me tornar um jogador profissional, porque eu venho trabalhando muito sabe?” (*S1*); “Creio que seja questão de pouco tempo para eu estar no profissional [...] Sim. Já tenho contrato profissional.” (*S2*); “Sim, eu já tenho contrato profissional até 2019. E eu acho que as minhas chances de compor a equipe profissional mesmo são grandes, é só manter o foco, concentrar, que vai dar certo.” (*S3*); “Sim, já tenho contrato sim [...] Eu acho que tá próximo.” (*S4*).

### 4.3 Trajetória escola

Neste momento, tratamos a respeito da vivência escolar desses jovens atletas ao longo de suas formações esportivas. Consideramos ser este um ponto capital de nosso estudo, pois tivemos

---

<sup>1</sup> Capital cultural é uma expressão cunhada e utilizada por Bourdieu para analisar situações de classe na sociedade. De uma certa forma o capital cultural serve para caracterizar subculturas de classe ou de setores de classe. (SILVA, 1995, p. 24). Em nosso estudo, consideramos que o capital cultural das famílias que não são elevadas socialmente contribui no incentivo para que o jovem se arrisque no sonho de alcançar a profissionalização.

a real compreensão das dificuldades enfrentadas por estes atletas-estudantes durante o processo de escolarização e suas experiências escolares até este momento da vida.

Cinco dos seis atletas entrevistados relataram ter enfrentado ou estar enfrentando problemas com relação aos estudos. Na análise dos dados, notamos que dos seis entrevistados, cinco expressaram grau de escolarização inadequado se comparado à idade apresentada, ou seja, quase todos estão atrasados em seus anos escolares. Vejamos as falas de *S1*, *S2*, *S3*, *S5* e *S6* que ilustram essa constatação: “Tenho 19 anos [...] Ah...então, eu consegui frequentar a escola, só que eu repeti um ano[...] o 1º ano do ensino médio [...] e agora eu preciso terminar o terceiro ano.” (*S1*); “Eu tenho 18 anos. Não, não terminei [...] Parei no segundo. Falta terminar o terceiro.” (*S2*); “Eu tenho 17 anos [...] Estou estudando, só que eu estou fazendo o segundo ano do ensino médio.” (*S3*); “Tenho 19 anos [...] Sim... então, eu tô no segundo ano ainda, não consegui terminar, porque quando eu sai do Santos eu dei uma pausa nos estudos.” (*S5*); “Tenho 19 [...] Sim, sempre fui na escola, mas eu tô no terceiro ano.” (*S6*).

Os dados relativos à trajetória escolar corroboram as afirmações de Marques e Samulsky (2009), Bartholo et al., (2011) e Almeida e Souza (2013) de que os atletas, após iniciarem suas jornadas nas categorias de base, encontram certos empecilhos para continuarem os estudos e passam a apresentar considerável defasagem em relação a idade-série.

Em nosso estudo, dentre os motivos apresentados pelos atletas para justificar essa defasagem idade-série, destacam-se: a falta de frequência na escola, a indisciplina durante as aulas, uma mudança de país e também o empréstimo de atleta por parte do clube. Diante disso, as falas de *S3*, *S5*, *S6* e *S2* elucidam estes motivos: “Teve um ano lá na minha cidade que eu brincava muito no colégio, era muito atentado, só ficava conversando, brincando no colégio.” (*S3*); “[...] tive que fazer uma viagem para fora do Brasil e não tive como estudar mais, aí daí em diante no time que eu estou eu não consigo me firmar na escola ainda.” (*S5*); “Repeti sim, lá na minha cidade, a 5ª série [...] Em julho em tive que ir para o Anápolis emprestado e tive que parar o terceiro.” (*S6*);

Na verdade eu faltava na escola para ir jogar bola sem que meus pais soubessem. (risos) isso foi bem na época em que eu estudava em escola particular. Lá eu reprovei [...] Depois fui pra escola pública. Lá era mais fácil [...] era supletivo. Aí lá eu fui até o segundo. Aí bem nessa hora eu sai do São Paulo fui para o Figueirense. Do Figueirense eu tive uma viagem pra fora do país. Dai eu perdi a escola e preciso retomar, terminar. (*S2, entrevista*).

Com relação à experiência escolar de cada um, observamos que quatro dos seis apresentaram indiferença para com os estudos. Disseram nunca terem gostado de se dedicar aos estudos e que frequentavam a escola por necessidade ou somente por obrigação (S5, S2, S3 e S6): “Não, eu nunca tive reclamação na escola. Mas não posso falar que eu gostava de estudar, porque quase ninguém gosta né?! Mas eu fazia as coisas direitinho, fazia minhas atividades.” (S5);

Olha... pra ser bem sincero, eu não tenho bastante conhecimento. Meu conhecimento é da vida [...] sempre gostei mais de jogar. Eu não focava, e a pessoa quando não foca não vai pra frente. Claro que prestei atenção em algumas coisas nas matérias, mas nada de central assim. Sempre quis jogar (S2, *entrevista*);

Uai, de lá pra cá depois dessas brincadeiras no 5º ano ai eu tive que fazer o quinto ano de novo néX?! Só que ai eu ganhei uma bolsa no colégio lá de Jaraguá, por causa do futebol, ai tive que pegar mais firme por causa da bolsa né? Ai depois minhas notas subiram. (S3, *entrevista*);

Rapaz, eu não vou mentir não, eu era bagunceiro pra caramba! Assim, eu não gosto de estudar, mas eu me esforçava em época de prova e trabalho. Eu pegava e estudava pra tirar umas notinhas mais ou menos, aquelas só para passar (risos). (S6, *entrevista*).

Sobre as experiências escolares dos atletas e o baixo interesse dos mesmos no investimento dos estudos, Melo et al., (2014) apresentam que a demanda de treinamentos, campeonatos e disciplina exigida pela formação esportiva recaem sobre a formação escolar, fazendo com que 63,3% dos atletas apresentem, por exemplo, dificuldade na leitura e que somente 13,9% realizam as atividades de casa, mostrando a desmotivação que possuem com relação à escola. Nas palavras dos próprios autores, “Tais proporções sugerem um baixo investimento na incorporação de capital cultural e na dedicação aos estudos e tarefas escolares.” (MELO, SOARES e ROCHA, 2014, p. 622).

#### **4.4 O tempo para escola e o tempo para o esporte**

Neste tópico procuramos registrar as maiores dificuldades enfrentadas pelos atletas ao terem que se dividir entre o universo esportivo e o universo escolar e também as estratégias utilizadas por eles para conciliação destes universos.

Três atletas exprimiram que a maior dificuldade para conciliar os treinamentos com a escola está presente na própria demanda de treinamentos imposta sobre eles pelo clube em que

atuam ou pelos clubes em que já atuaram, principalmente devido à realização de atividades em dois períodos (S3, S4 e S6): “Aqui mesmo já teve vários jogos, um que teve um em Caldas, outro em Ouvidores, que não dava para chegar a tempo de ir pra escola.” (S3); “No Corinthians, então, sempre o horário era complicado [...] Lá eu treinava dois períodos, de manhã e a tarde.” (S4); “Eu estava treinando aqui dois períodos [...] aí tive que mudar para Anápolis para jogar lá no Anápolis no meio do ano.” (S6).

Ajudando-nos a compreender esta categoria Melo, Soares e Rocha (2014) discutem que a dificuldade dos atletas em conciliar a jornada esportiva com a jornada escolar realmente está presente nas demandas impostas pelos clubes. Segundo os autores, a grande quantidade de treinamentos, jogos e viagens acabam prejudicando a rotina escolar destes garotos. Bartholo et al., (2011) também chamam a atenção para o mesmo problema e discutem a fragilidade de nosso país em relação a regulação sobre os limites da carga horária de treinamentos nas categorias de base dos clubes nacionais.

Autores como Soares et al., (2010), Almeida e Souza (2013), Correia (2014), Freitas (2014) e Da Conceição (2015) também compartilham visão semelhante e nos mostram que grande parte dos atletas de base do Brasil sofrem dificuldades para conciliar estas duas rotinas. Segundo os autores, a demanda de treinamentos imposta pelos clubes sobre os atletas e o distanciamento familiar são fatores que levam os próprios jovens a criarem estratégias de flexibilização, para que consigam conciliar a formação esportiva com a formação escolar.

Sobre as estratégias utilizadas para a conciliação, grande parte afirmou que o caminho mais prático é a chamada “troca de turno”, ou seja, reorganizar seus estudos para o período noturno, visto que neste período a demanda dos clubes está ligada às viagens ou jogos, situações mais raras de acontecer e que permitem flexibilizar as demandas escolares, diferentemente da rotina diária e intensa de treinamentos, que não gera essa possibilidade. Notamos isso nas falas de S1, S2, S3, S4 e S6: “Então, eu tava fazendo um supletivo, sabe? Era à noite.” (S1); “Sim, eu estudei à noite [...] No Figueirense.” (S2); “Então eu coloquei no noturno para não atrapalhar meus estudos e nem o futebol.” (S3); “Treinava de manhã e as vezes a tarde, aí estudava de noite.” (S4);

Tinha vezes que eu treinava dois períodos, treinava no sub-17 depois no sub-20 e chegava na escola à noite cansado e aí, as vezes, eu dormia na sala de aula mas ficava lá até acabar e depois vim embora. O que atrapalhava era o cansaço mesmo. [...] Eu estudo a noite, ali no I. (S6, *entrevista*).

Soares et al., (2010) sobre as estratégias de conciliação, apontam que grande parte dos atletas buscam o ensino noturno devido a menor exigência deste turno nas escolas brasileiras, visto que o tempo de aula é menor se comparado aos turnos matutino e vespertino. Bartholo et al., (2011) corroboram e nos mostram que a estratégia dos atletas por escolher o turno noturno não incide diretamente nos dados sobre o atraso ou a defasagem escolar, mas que somente demonstra a dedicação primária deles para a carreira esportiva. Almeida e Souza (2013) seguem direção semelhante, e apresentam que a medida com que os garotos avançam nas categorias amadoras e a carga dos treinamentos aumenta, a busca pelo turno noturno na escola aumenta.

Percebemos que na perspectiva dos atletas esta estratégia é boa, pois os fornece tempo para treinar e ir à escola, permitindo-os viver uma “dupla carreira”<sup>2</sup>. Entretanto, somente um relatou que se sentia cansado/desmotivado por enfrentar esta rotina. Os outros se mostraram confortáveis com a situação, não sendo capazes de visualizar as “ciladas” existentes neste turno e que demonstram algumas irregularidades do sistema educacional brasileiro:

No aspecto pedagógico, o “empobrecimento” no período noturno também é denotado. Os conteúdos são em geral desvalorizados e secundarizados devido ao fato destes jovens trabalharem durante o dia e estudarem a noite, o que leva muitos professores, a acreditarem na impossibilidade de se exigir desses estudantes, melhor desempenho, assim como, construir um novo conhecimento em sala de aula. Isto foi percebido (e particularmente questionado), durante o período de estágio docente na E.E.B. Getúlio Vargas. De fato, é muito comum a prática de um tratamento diferenciado do ensino noturno, em relação aos turnos diurnos, principalmente em relação à quantidade e qualidade de provas, tarefas e trabalhos desenvolvidos ao longo do ano letivo. Esta “complacência” dos professores, aparentemente se justificaria diante das condicionantes de exclusão dos alunos, mas na prática, contribui para o agravamento da precariedade do ensino noturno no Brasil. (SILVA, 2013, p. 19 e 20).

#### **4.5 O papel da escolarização na vida de jovens atletas**

Neste ponto, desvelamos um aspecto fundamental identificado em nossa pesquisa: a visão que atletas, treinador e dirigente do clube possuem sobre a escolarização de jovens atletas de futebol.

---

<sup>2</sup> Segundo Melo et al., (2016), o investimento dos atletas nesta dupla carreira, em que se dedicam a treinamentos e a escola, pode fazer com que eles priorizem uma das duas e acabem, deixando de lado, a outra.

Com relação aos atletas, cinco dos seis afirmam que a escola tem certa importância em suas vidas como atletas. Dentre as justificativas, destacam-se: a contribuição da escola no aprendizado da língua portuguesa, para que eles falem de maneira adequada e concedam boas entrevistas, além da contribuição escolar para que, no futuro, caso não venham a se profissionalizar, consigam um emprego no mercado de trabalho formal. Notamos isto nas falas de *S3*, *S4*, *S5*, *S1* e *S6*: “Para o atleta como eu falei ele necessita ter o estudo, saber o português, a física, a matemática a química. O atleta precisa ter o estudo porque ele faz parte do futebol.” (*S3*); “Eu acho que ela ajuda em muitas coisas né?! Caso não dê certo no futebol ela ajuda a seguir em outra profissão. E acho que é por isso mesmo.” (*S4*); “É tipo... ajuda muito na entrevista né? Essas coisas né? A fala ajuda bastante, a interpretar as perguntas, a falar pausadamente e tal... acho que ajuda bastante nisso.” (*S5*);

[...] acho que a escola querendo ou não é uma das coisas mais importante sabe? Porque querendo ou não, o jogador pode ir pra outro país né?! Então tipo, no mínimo ele tem que saber falar, tem que ter o ensino fundamental, o ensino médio. Porque... também futebol não é garantido né? Você pode ter lesão, assim... Você não sabe. Ai por isso que tem que terminar o ensino médio, porque se não der certo no futebol fazer uma faculdade né?! Uma Educação Física, uma Fisioterapia. É isso. Ter um emprego. (*S1, entrevista*);

Ajuda com as palavras. Tem pessoas (atletas) que falam muito errado. E ajuda no futuro também né?! A gente sabe que a carreira de futebol é muito curta né?! E depois terminar a carreira vai fazer o que né? O dinheiro é bom né, mas e aqueles que não ganham dinheiro com futebol? aí pode ficar ruim depois. Por isso que ir para escola e terminar os estudos, fazer uma faculdade, é importante. (*S6, entrevista*)

Frente as falas, percebemos que os atletas demonstraram considerar a escola como uma simples auxiliar do processo de formação esportiva. Isto foi perceptível ao analisar que quatro dos seis entrevistados afirmaram, com veemência, que a maior contribuição da escola foi somente ensiná-los a ler e escrever, pois consideram isto importante no momento de realizarem, por exemplo, um contrato profissional. Notamos isto na perspectiva de *S3*, *S6*, *S2* e *S4*: “A escola me ensinou muita coisa. Lá eu aprendi porque no futebol você precisa do estudo, por exemplo, uma entrevista sem um estudo? Você não pode falar errado [...] Então lá aprendi a conversar.” (*S3*); “Acho que o simples né? Ler e escrever. Mais isso.” (*S6*);

Eu acho que (risos) a cuidar do dinheiro [...] Eu falo isso em questão somatória, então matemática (risos) [...] Também o português né?! Porque se não fosse o português eu não daria entrevista e se não fosse à matemática eu não saberia contar dinheiro, essas coisas assim. (*S2*);

Foi o que te falei com essas questões de contrato, poder resolver isso sozinho, para poder conseguir ler normalmente, entender tudo certo [...] Não preciso de ajuda para poder entender isso e acho que o mais importante foi isso mesmo, a questão de resolver os contratos. (S4);

Ao serem questionados sobre os momentos mais marcantes vividos dentro da escola, três dos seis entrevistados relatam se lembrar com felicidade de alguns professores de disciplinas específicas, principalmente aquelas que julgam mais pertinentes na ajuda ao próprio futebol, dentre elas: língua portuguesa, matemática e educação física (S4, S5 e S6): “[...] eu tenho contato até hoje foi o que me levou para escolinha de Futsal né?! Ele é bem próximo da minha família. Ele sempre me ajudou a ajudar a chegar onde eu estou e é por ele que tenho mais consideração.” (S4); “Tinha um professor de ciências. Ele era bem da hora. Ele me ajudou bastante. Tinha um de história também e o treinador que era o de geografia.” (S5); “Eu gostava mais do professor de educação física. Só educação física! Matemática, física, essas coisas não é comigo não.” (S6).

Os atletas deixam registrado em suas falas que a maior contribuição desta instituição formativa para suas vidas é oferecer conhecimentos que os auxiliem em suas carreiras esportivas. Para eles, as disciplinas existentes na escola são responsáveis por ajudá-los a solucionar situações-problema do mundo esportivo. A Língua Portuguesa contribui para que consigam conceder boas entrevistas e a Educação Física para o desenvolvimento físico-esportivo. Para nós, estas visões deixam claro que a formação escolar na vida destes jovens adquire lugar secundário, pois a sua contribuição primária tem como fim o futebol.

Soares et al., (2010); Freitas (2014); Da Conceição (2015) são alguns dos autores que apontam que a maioria dos atletas presentes nas categorias de base relatam ter ciência da importância da escola, mas, que preferem, neste momento de suas vidas, dedicarem mais tempo aos treinamentos e aos jogos, enfim, à carreira esportiva, visando alcançarem ascensão social e financeira.

Na perspectiva do treinador, o papel da escola está centrado na transmissão de informações. Para ele, a escola é responsável por desenvolver o nível de cognição de seus atletas. Ele afirma que os jogadores que são atentos às atividades escolares, também se tornam atentos as explicações táticas e técnicas exigidas nos treinamentos e jogos de futebol. Enxerguemos a perspectiva do Treinador (T):

Crucial, principalmente no esporte. Hoje, onde a gente transmite muita informação. O estudo faz parte do jogo, faz parte da produção. Tanto a questão

científica, quanto à questão de numerologia, análise de desempenho, compreensão dos atletas, tomada de decisão. O jogador ter uma compreensão melhor do que foi dito é essencial para desempenhar suas funções dentro do campo. Para nós é crucial aumentar esse nível de cognição dos Atletas (Treinador, entrevista).

Consideramos que a visão tida por um treinador de futebol em relação à escolarização de jovens atletas se faz muito importante, pois pode ser capaz de exprimir e nos fazer enxergar a parcela de contribuição ou não, deste importante ator para a escolarização de inúmeros jovens atletas espalhados pelo país.

Frente a isso, e atentos a perspectiva do treinador, notamos que ele possui um discurso instrumental sobre a importância da escola na vida de seus atletas, ou seja, um discurso em que a escola serve somente para desenvolver os jovens em relação às demandas do próprio futebol, não reconhecendo a escola como fim de si mesma. Segundo o treinador, a escola contribui no desenvolvimento do nível de cognição dos jovens. Para ele, a medida com que a escola desenvolve este elemento, os atletas são capazes de compreender o que ele espera deles dentro de campo. De maneira discreta, também compartilha da visão dos atletas, reforçando que o papel primordial da escola é desenvolver os garotos para as funções desempenhadas dentro dos campos como, por exemplo, compreenderem as ações táticas repassadas à eles durante os treinamentos e jogos.

Em medida, isto sugere uma frágil visão do treinador em relação à contribuição de capital cultural que a escola é capaz de oferecer a vida de jovens atletas de futebol. Marques e Samulsky (2009) apontaram que esta fragilidade realmente existe, dizendo que: “A atuação do treinador como agente de apoio ao planejamento da carreira destes jogadores é bastante limitada.” (MARQUES e SAMULSKY, 2009, p. 115).

Nesta afirmação, os autores reforçam a ideia de que o treinador muitas das vezes é um ator que se mantém distante de seus atletas. Possivelmente falta atenção e diálogo, para que eles reconheçam as dificuldades e necessidades escolares e até esportivas de seus atletas. Neste tocante, os autores sugeriram: “Recomenda-se que sejam desenvolvidas outras pesquisas, tais como: [...] estudos sobre a percepção e atuação de treinadores acerca do planejamento da carreira do jovem atleta.” (MARQUES e SAMULSKY, 2009, p. 115).

Quanto ao Diretor (D) e sobre o papel da escola na vida dos atletas, notamos que ele deixa claro a importância da escola após o término da carreira esportiva destes jovens. Para ele, a

escola deve vir em primeiro lugar, pois é ela quem irá garantir um futuro de estabilidade social para estes atletas, permitindo-os conquistar um trabalho formal e possuir uma renda mensal, caso a profissionalização no futebol não seja assegurada. Além disso, observamos em sua fala que, para ele, a escola também é responsável pela disciplinarização dos atletas, fator que auxilia o clube na regulação destes garotos nos treinamentos e jogos. Nesse sentido, vejamos a perspectiva do Diretor (D):

Bom... primeiramente a escola hoje, para o atleta, tem que ser em primeiro lugar. Porque é o que vai estar garantindo o futuro deles com segurança [...] de estabilidade financeira e também de estabilidade no sentido de estar convivendo e fazendo com que o seu futuro possa ser garantido, conseguir um emprego. Eu acho que a escola vem em primeiro lugar porque garante o atleta no Futuro [...] Ela também nos ajuda acompanhar o atleta na parte educacional, algo que vários atletas hoje, que estão no clube e que estão alojados necessitam. Nós precisamos dessa representação né?! A gente não tem dos pais, mas a gente tem dos professores, dos educadores, que nos ajudam na escola a monitorar e colocar esses atletas em uma linha necessária para que a gente também tenha resultado dentro de campo. (Diretor, entrevista).

Nesta categoria o diretor é o único que se desloca pouca coisa em relação à resposta. Ele ressalta a importância da escola para o futuro dos jovens atletas, mas ainda sobre um discurso superficial. Para ele, a escola é a instituição responsável por assegurar um futuro estável aos garotos, possivelmente porque pode os auxiliar a encontrar uma vaga no mercado de trabalho formal. Ele também explica a contribuição oferecida pela escola em relação à regulação do comportamento dos atletas, que, segundo ele, pode ser refletida dentro de campo.

Mostrando dados diferentes, Santos (2010) afirma que o olhar tido por diretores das categorias de base de dois clubes do país foi um pouco diferente. Segundo os autores, o aspecto escolar é pouco valorizado para eles e, conseqüentemente, para o clube. Mostram ao mesmo tempo, em suas concepções, divergências em relação à importância da escola. Hora dizem ela ser importante e em seguida falam que se pudessem, aplicariam treinamentos em dois períodos para os jovens. Isso provavelmente promoveria a “troca de turno” destes atletas para o período noturno de ensino, fato que nos relembra uma das estratégias de flexibilização criada pelos jovens atletas para conciliar<sup>3</sup> a formação esportiva com a formação escolar.

---

<sup>3</sup> Ver item: 4.4 **O tempo para escola e o tempo para o esporte.**

Refletindo sobre esta constatação de Santos (2010), acreditamos que a visão tida pelo diretor sobre a escolarização de jovens atletas é diferente e interessante, pois mostra que ele, enquanto representante do clube, tem ciência de alguma contribuição que a escola é hábil em oferecer para as *vidas dos atletas* e não para suas *vidas de atletas*.

Ainda para a discussão desta categoria, consideramos de extrema importância deixar claro a importância da educação na vida de qualquer pessoa. Para isso, vejamos algumas palavras:

A educação nos é apresentada como uma questão bastante complexa, pois não é uma simples questão de subsistência, mas é a propulsora da humanidade. Educar é, assim, humanizar o homem, o que abrange suas ações, seus comportamentos, seus hábitos e tantos outros aspectos. (OLIVEIRA et al., 2013, p. 9).

Partindo deste conceito nas palavras de Oliveira (2013), do que é a educação para o sujeito, podemos inferir que os atletas tem pouca consciência da importância da escola para a vida de cada um deles. Eles não possuem uma visão ampla da escola e não a reconhecem que como um ambiente estimulador do pensamento crítico-reflexivo, que permite a apropriação de seus direitos enquanto cidadãos e que, também, se é um espaço capaz de promover à mobilidade social, permitindo com que se insiram no mercado de trabalho formal com mais qualificação e tenham uma vida mais digna.

#### **4.6 O papel do treinador na escolarização de jovens atletas**

A pesquisa permitiu também vislumbrar as percepções dos atletas, treinador e diretor em relação ao papel do treinador no auxílio à escolarização de cada um dos atletas. Diante disso, percebemos nesta etapa do estudo que quatro dos seis atletas mostraram desconhecer a preocupação do treinador sobre este assunto. Eles afirmaram que o treinador nunca produziu, sequer, um diálogo a respeito do andamento de seus respectivos estudos.

Entretanto, também relatam que no fundo, acreditam que o treinador, apesar de não produzir um diálogo frequente sobre a escolarização, se preocupa com esta questão. Em nosso olhar, isto se torna um ponto conflitante dentro do estudo, pois demonstra que os atletas, por meio de uma afirmação vaga, tentam mascarar ou minimizar a parcela de desinteresse do técnico em relação à categoria levantada. Diante disso, notamos a perspectiva de S2, S3, S5 e S6: “Hoje todos aqui são de maiores né?! Então ele já acha que todo mundo terminou, só alguns que ainda não. Então não tem porque ele tá falando, dialogando isso mais.” (S2); “Então, falar ele não fala, mas

por mim eu acho que ele se importa com os atletas dele. Por mais que uns já terminaram ou pararam, quem está estudando ele se importa.” (S3); “Sim, eu acho que em todo clube o treinador se importa né?! [...] Não, não, comigo nunca falaram nada sobre isso não [...].” (S5).

Em questão assim... como eu já terminei o ensino médio, sobre faculdade eu nunca tive oportunidade de conversar nada com ele, em relação a continuar, mas eu acredito que com os jogadores mais novos que ele conversa sim sobre poder continuar os estudos. (S4, *entrevista*).

A importância em constatar o papel do treinador na visão dos atletas se fez pertinente, pois: poderia nos ilustrar a participação ou a não participação do treinador em relação ao processo de formação escolar dos jovens atletas.

Quanto ao treinador, frente o seu papel no processo de escolarização dos atletas, ele corrobora com as falas de seus atletas, dizendo não participar tanto deste processo. Segundo o próprio treinador, ele já foi mais participativo no que tange o incentivo sobre os atletas em relação aos estudos. Atualmente, ele diz dialogar pouco com seus atletas a esse respeito, e quando o faz, somente salienta a importância de se adentrar em uma faculdade:

Assim, como eu estou no sub-20, a maioria das vezes a minha conversa com alguns dos jogadores é mais pela questão de escolher uma faculdade ou uma profissão a seguir. Porque a maioria deles já encerrou ou devem estar encerrando no ensino médio. Estando conosco então, a gente não participa tanto da questão da escolarização [...] Quanto à escolarização, já chega na maioria das vezes com eles no final de um ciclo. Fui treinador do sub-15, 17... antes era uma questão que era sempre cobrada pela direção, pelos treinadores. Se acha que é crucial o treinador sempre incentivar, reafirmar e fazer parte desse processo sim. Mas hoje, no meu caso, não participo mais tanto. (*Treinador, entrevista*).

Sobre as ações de um treinador que podem contribuir para a escolarização de um atleta, notamos que o treinador mostra compreender uma ação pertinente. Ele afirma que o principal é o exemplo de liderança passado pelo treinador, que gera uma referência de bom cidadão aos atletas. Ele afirma que tal liderança é capaz de, principalmente, disciplinar o atleta, tornando-os bons alunos e bons atletas:

Eu acho que o principal é o exemplo né?! [...] o exemplo do linguajar, da maneira de passar informação ou da pessoa agir conta muito. A partir do

momento que ela começa a ver um superior, um treinador trabalhando e passando muita informação, ele passa a respeitá-lo. É através do respeito que ele começa a perceber que pô: eu também posso ir por esse caminho, isso aí pode ser bom para mim [...] Ele vê no seu líder um exemplo, um cara que tem muito conhecimento a te passar, para você se tornar um melhor atleta, um melhor aluno. (*Treinador, entrevista*).

Nesse contexto, encontramos uma contribuição da literatura que apresenta certa relação a respeito disso.

Há que se considerar que o treinador é uma figura de extrema importância na formação do atleta, pois é ele quem ensina ao garoto a realizar uma jogada, driblar na hora certa, posicionar-se em campo, motivar e apoiar de todas as formas os seus comandados, sem mencionar que também faz a escala, isto é, substitui e afasta jogadores. Todas estas ações convergem, de certo modo, para uma função primordial, e às vezes subjacentes àquelas: a de disciplinamento moral e ético. (GUERRA; SOUZA, 2008, p. 35).

Esta afirmação de Guerra e Souza (2008) apresenta uma relação com a consideração do treinador. Segundo os autores, ações como a simples escala de jogadores realizada pelo técnico é um tipo de ação que promove a função do treinador para um disciplinador moral e ético dos atletas. Quando o treinador de nosso caso afirma que a principal ação de um treinador para a contribuição na vida escolar de seus atletas é o papel de liderança, ele se coloca neste patamar. Ora se ele é àquele que tem o poder nas mãos, ensina as ações táticas-técnicas e motiva os atletas, ele pode conseguir disciplinar moral e eticamente seus comandados, ajudando-os a compreender a relevância do processo de escolarização em suas vidas.

Para complementar esta categoria, indagamos o treinador se ele possui ou adota alguma estratégia de treinamentos para auxiliar o processo de escolarização de seus atletas. Sobre isso, ele nos afirmou que implantou uma periodização dos treinamentos, na qual ele realiza diversas explicações sobre as ações táticas e técnicas da equipe.

Para ele, este é um momento de seus treinamentos que podem contribuir com a escolarização de seus atletas, uma vez que ele deposita um enorme número de informações sobre os atletas e espera que eles absorvam aquilo tudo, processo semelhante ao que, segundo ele, acontece na escola, um ganho de conhecimento. Ele também acredita que a questão da disciplina colocada nos treinamentos ajuda na disciplina escolar, pois os atletas tem que cumprir com os horários dos treinamentos a risca, sabendo o que devem ou não fazer naquele período.

É, tem a periodização do próprio conteúdo que nós passamos né?! Chegar em um dia e falar eu quero que ataquem assim, eu quero que defendam assim [...] É vomitar conteúdo em cima do atleta. [...] Acho que isso ajuda com o hábito de leitura... De compreender o que o outro tá falando não somente o treinador, mas no caso o professor e coordenador também, pois aqui existe uma disciplina de horários, de poder isso, não poder aquilo, receber diversos conteúdos, diversas maneira, assim como cada professor tem sua metodologia de dar aula. O jogador que se interessa por isso tudo vai acabar introduzindo as coisas do futebol para a escola também. (*Treinador, entrevista*).

O Diretor quando questionado sobre o papel do treinador, afirma que não importa a categoria em que está o treinador, este deve estar dialogando e procurando incentivar seus atletas em relação aos estudos sempre! Segundo ele, o treinador é a maior referência tida pelo jogador ao longo do processo de formação esportiva, e, diante disso, não há personagem melhor para promover este incentivo ao atleta. Também deixa claro que o reforço do treinador no clube e dos professores na escola sobre a escolarização é importante para o desenvolvimento dos atletas dentro das quatro linhas e também em suas vidas pessoais, o que agrada o clube:

Papel importantíssimo, porque ele se trata de uma referência para o atleta né?! Se ele tem uma referência de um bom profissional, de um bom professor, você pode ter certeza que ele vai escutar e vai observar e ver as coisas que são importantes. A cobrança do que o professor está falando em relação à escola e o que o treinador cobra nos treinamentos, isso consequentemente vai estar nos ajudando muito, para que esse atleta esteja bem na escola e também dentro das quatro linhas, o que é muito importante para a gente. (*Diretor, entrevista*).

#### **4.7 O papel do clube na escolarização de jovens atletas**

Neste momento, procuramos saber dos atletas, treinador e diretor, se existe, por parte do clube, uma preocupação voltada para a escolarização de jovens atletas. Diante disso, observamos primeiramente que, para os atletas, o clube não possui uma preocupação em relação aos seus estudos.

Para quatro jovens, o clube está inteiramente interessado nos resultados que eles geram dentro dos gramados. Somente importa o bom desempenho nos treinamentos e também nos campeonatos disputados. Podemos notar isto nas falas de S2, S4, S6 e S1: “Não acho que a minha vida escolar não importa para eles o que importa eu tá jogando futebol [...]” (S2); “Então, acho

que para quem não terminou eles se importam muito. Agora questão assim de quem já terminou e tem que fazer uma faculdade eu acho que eles não se importam.” (S4); “Não, eles nunca falaram nada para mim não. Mas eu acho que é importante para mim né?! Para os caras isso não tem nada a ver não, eles querem que eu jogue. Isso tem a ver com a gente mesmo tá estudando.” (S6);

Aaah... Acho que para o Vila não muito. Porque aqui eu to mais preocupado com os campeonatos né? Com o futebol. Acho que aqui também não ligam muito para os estudos, para essas coisas não. Acho que é isso. (S1, *entrevista*).

Neste momento do estudo, podemos inferir sobre as perspectivas dos atletas que o clube trata o processo de escolarização com desinteresse. Para eles, o clube não está interessado em auxiliá-los neste processo, pois o importante é que eles somente treinem e joguem para alcançarem bons resultados ao clube.

Nas palavras do treinador, o clube se importa de forma mínima com a questão escolar de seus atletas. Segundo ele, o que mais existe é certa cobrança por parte do departamento amador, sobre os atletas, para que eles possam estar pelo menos frequentando as aulas. A fala do Treinador (T) nos dá essa dimensão:

Assim, aqui o M cobra né?! M cobra, e precisa que todos estejam estudando. Até a Federação cobra também e é uma questão geral. E o atleta está bem na escola ou não é um acompanhamento que hoje, no clube, não temos. Não temos assistente social e tudo mais por uma questão mesmo que não somos iguais aos clubes que têm o certificado de formação, como o Clube X. No caso do Clube X, os atletas tem obrigação das notas estarem boas, de ter um acompanhamento. E aí existe uma profissional para isso e tudo mais. Hoje nós não temos, mas aqui hoje é obrigação que todos atletas estudem e estejam matriculados na escola,... Estejam indo com frequência e o M sempre está em cima disso para saber . O J também vai na escola para saber isso e aquilo, mas é uma obrigação do clube com certeza. É obrigação de o Clube insistir que esses atletas, principalmente os que são de fora e moram aqui terminei e concluam o Ensino Fundamental e Médio. (*Treinador, entrevista*).

Essa fala do treinador confirma a perspectiva dos atletas de que o clube não demonstra muita preocupação com suas formações escolares. No entanto, não deixa explícito, em nenhum momento, que a busca do clube está centrada somente em aproveitar das potencialidades físicas e psicológicas dos atletas para o alcance de bons resultados como os atletas disseram. Segundo o treinador, o que existe é uma averiguação, por parte do departamento amador, em relação às

frequências. Mas, o curioso, é que nos relatos dos atletas, notamos que nenhum deles tem o conhecimento disso.

A resposta do Diretor se compara a resposta do Treinador, pois ele reafirma que o papel do clube em relação à escolarização dos atletas somente está ligado no âmbito de uma cobrança verbal mínima, em que o atleta pode seguir o conselho e ir à escola, ou simplesmente, caso opte, frequentar as aulas quando bem entender. Além disso, ele diz que o clube poderia auxiliar seus atletas com mais ações formativo-escolares, entretanto, encontra algumas dificuldades para que essas ações sejam implementadas dentro da instituição como, por exemplo, a falta de verba. A perspectiva do Diretor (D) concretiza a nossa percepção:

Bom, além de acompanhar, além de cobrar, a gente tem que tentar também dar um suporte. Então essa parte do suporte é que muitas vezes falta um pouco em relação à estrutura. Queríamos dar mais, queríamos ter um acompanhamento melhor, mas falta um pouco de recurso financeiro. Porém não falta acompanhamento. Hoje se tratando do Clube, eu acho que a gente precisava ter opções para que esses atletas, por exemplo, aprendam outra língua, ter uma aula de inglês, uma aula de espanhol, acho que isso acrescentaria muito para eles né? Porque a gente sabe que atleta hoje o grande sonho é jogar fora, isso seria uma oportunidade que facilitaria muito, mas falta estrutura. Acho que hoje a parte nossa parte, se tratando de nós, infelizmente a gente não tem outra opção senão somente acompanhar e cobrar, mas acho que deveria ser mais, ter mais opções, mas infelizmente a gente tem essas dificuldades. (Diretor, entrevista).

O diretor também apresenta que o papel do clube em relação à escolarização de seus atletas é precário. Segundo o mesmo, a única ação do clube que contribui no processo de escolarização destes jovens atletas é a cobrança, realizada por ele e por todo o departamento amador do clube para que os atletas frequentem a escola.

Correia (2014) também procurou apresentar o papel de um clube em relação à escolarização de jovens atletas. Segundo o autor, o clube em que realizou sua pesquisa possui uma escola dentro de suas instalações e atua de forma ativa na conciliação entre a formação esportiva e a formação escolar. Entretanto, apontam que essa atuação do clube está centrada no âmbito da flexibilização da rotina escolar dos atletas diante as demandas esportivas que surgem no dia a dia dos atletas, como por exemplo, o abono de faltas quando os jovens têm de viajar para disputarem campeonatos com o clube, mostrando que de certa maneira as exigências esportivas também falam mais alto que as exigências escolares, fato que se aproxima do que os atletas de nosso estudo apontaram.

## 4.8 Ações formativa

Nossa última preocupação esteve centrada em saber dos atletas, treinador e diretor, se o clube possui alguma iniciativa formativa que auxilie o processo de escolarização dos jovens atletas.

Nas falas dos atletas, percebemos que todos os seis (6), desconhecem existir uma iniciativa real do clube para ajudá-los em suas vidas escolares. Um achado interessante foi que metade dos atletas relatou sentir a falta de assistentes sociais no clube. Segundo eles, em alguns clubes pelos quais passaram, tiveram, de perto, a contribuição desse tipo de profissional, que se encarregava de averiguar suas frequências e desempenho na escola. Além disso, expressam que em raras oportunidades, o clube apresentou certa preocupação com a frequência, mas visando a economia dos gastos do próprio clube.

Vejamos isto nas falas de *S1*, *S2*, *S3*, *S4*, *S5* e *S6*: “Aqui não me ajudaram com nada sobre a escola. [...] no Inter tinha as assistentes sociais que cuidavam disso e a psicóloga que conversava sobre várias coisas com a gente, pra gente melhorar na escola e nos jogos.” (*S1*); “Comigo não. Eles às vezes falam com os menores. [...] No São Paulo e Figueirense tinha assistente social, psicóloga e professores. Era muito bom.” (*S2*); “É, eles pediram uma declaração de frequência da escola para ver quem realmente estava indo [...] mas só pediram para aqueles que jantavam, porque eles queriam fazer um tanto de comida certinho, para não desperdiçar.” (*S3*); “Já vi o pessoal conversando com os alunos que moram aqui se estão frequentando, para saber se estão indo, mas só isso mesmo.” (*S4*); “Não. As vezes só falam da frequência mesmo [...] No Santos e Flamengo que tinha assistente social.” (*S5*); “Acho que às vezes o J (coordenador) vai olhar a frequência, para ver se os jogadores estão indo.” (*S6*).

Na perspectiva do Treinador, também constatamos que ele tem ciência de que o clube não adota nenhuma estratégia que vise contribuir no processo de escolarização de seus atletas. Em suas palavras, deixa nítido que somente há o diálogo entre treinador/atleta e diretor/atleta, para reforçar aquela cobrança mínima, já explicitada, em relação à frequência. Contudo, deixa a ideia de que o clube possui a intenção de criar estas estratégias para solucionar esta questão, entretanto, não as expõe. Vejamos isto na fala do Treinador (T):

Não, é só uma questão individualizada entre treinador, comissão técnica e atleta. então é individualizada. não é nada de um programa para forçar o jogador, a mostrar para eles a necessidade do estudo não. Isso nós não temos [...] nós temos interesse em mudar isso, principalmente o M , que já procurou algumas situações... mas como o clube vive em um meio muito instável, aqui se muda muito, aqui a gente tem que gastar muita energia com o resultado, com imediato e a gente não sabe sobre o dia de amanhã. É uma coisa já do mundo do futebol. Aqui mesmo os únicos que possuem contrato fazem parte da minha comissão. Ninguém mais tem Contrato. Todo mundo é estagiário, então do dia para noite tudo pode mudar. (*Treinador, entrevista*).

Na perspectiva do Diretor, ele também foi bastante sincero e respondeu não haver nenhum tipo de iniciativa do clube em relação à escolarização dos jovens atletas. Para ele, a justificativa está na dificuldade financeira enfrentada pelo clube. Ele ressalta que a única ação, por parte do clube, é a cobrança em relação à ida dos atletas para a escola, mas reconhece que isto é uma iniciativa frágil. Ele também reforça no diálogo a intenção do clube em promover alguma iniciativa. Para ele, no ano de 2018 há um planejamento para a contratação de uma assistente social, para que ela acompanhe de perto as rotinas escolares dos atletas e saber se eles estão evoluindo neste aspecto. Vejamos isto na fala do Diretor (D):

Olha, eu não posso ser leviano altura te falar que temos. Na verdade, não temos! [...] Hoje, hoje é a parte financeira. A gente não tem alguns recursos para que isso aconteça. Mas até lembrando a pergunta que você me fez agora a pouco, sobre a nossa situação... no próximo ano de 2018 a gente quer contratar uma assistente social, por que isso já ajuda. Porque ela é uma pessoa preparada para estar tratando desses assuntos, tanto no assunto escolar como também familiar e a gente sabe que os atletas passam dificuldades, então com a assistente social o acompanhamento vai ser melhor ainda, porque se trata de um profissional capacitado para estar exercendo essa função. O nosso próximo passo é esse, tentar contratar esse profissional. (*Diretor, entrevista*).

Percebendo e concluindo que o clube não adota nenhuma ação formativa que auxilie seus jovens atletas das categorias de base para o desenvolvimento do processo de formação escolar, trazemos como pertinente a contribuição de Da Conceição (2015), que nos apresenta o bom exemplo de dois clubes brasileiros que acreditam, incentivam e, acima de tudo, promovem ações para que seus atletas frequentem a escola e se desenvolvam intelectualmente. Segundo o autor, os clubes criam ações para que os atletas tenham as melhores condições de trabalho e de estudos possíveis. Estes clubes realizaram investimentos milionários para estruturar suas categorias de base, oferecendo moradia, auxílio médico, materiais escolares e diversas outras comodidades para os jovens garotos. Ressalta, por fim, que a maior expectativa destes clubes ao oferecerem

estas vantagens aos atletas é lucrar sobre suas produções. No entanto, isto demonstra um olhar diferenciado destes clubes em relação à formação escolar, nos permitindo possuir esperanças de que, um dia, os clubes brasileiros possam evoluir e se tornarem mais comprometidos com este tipo de formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo geral investigar o sentido da escolarização para jovens atletas de futebol e seu clube formador.

Na busca deste objetivo, foi realizada uma análise exaustiva e minuciosa das falas dos atletas, treinador e diretor de um clube de futebol da cidade de Goiânia-GO. Durante todo o percurso deste estudo, buscou-se fazer uma leitura dos dados, à luz de estudiosos que investigam a escolarização de jovens atletas.

Assim, com base no referencial teórico e na análise dos dados obtidos concluímos que a entrada dos jovens atletas para o mundo do futebol tem início na infância, e as escolinhas de futebol são reconhecidas como o principal ambiente para o início da prática nessa modalidade. A evolução dessa prática, atrelada à influências e apoio da família, dos treinadores, dos “olheiros” e empresários contribuem para que esses jovens iniciem o processo de aperfeiçoamento esportivo, conquistando uma vaga nas categorias de base.

A partir daí, concluímos que a intenção maior desses jovens garotos ao jogarem passa a ser a busca de ascensão e reconhecimento social decorrentes da profissionalização no futebol, além da esperança de contribuir financeiramente com as suas famílias. No estudo de caso, constatamos que as expectativas dos atletas em relação às chances de se tornarem jogadores profissionais e conquistarem esses objetivos são elevadas. Entretanto, conquistar um lugar no topo desta modalidade não é tarefa simples. Em diversos momentos a dura realidade de baixíssimos salários, problemas contratuais e más condições de trabalho vivenciadas por inúmeros atletas brasileiros é mascarada pela mídia, que busca incentivar o mercado esportivo, sobretudo do futebol, visando à obtenção de lucros financeiros sobre o sonho destes jovens, mostrando-nos que a expectativa que eles possuem de se tornarem jogadores ricos e famosos pode não estar tão perto como imaginam.

Concluímos também que este anseio pela profissionalização no futebol traz algumas dificuldades para as suas vidas, sobretudo em relação à escolarização. Notamos que a trajetória escolar de mais da metade dos atletas entrevistados está marcada por uma situação de defasagem escolar (idade-série). No entanto, o interessante foi observar que a justificativa para esse problema existir se desencadeou como responsabilidade pessoal, por serem alunos indisciplinados e descompromissados com a escola. Consideramos que tal justificativa demonstra

a indiferença destes garotos com as atividades escolares e sugere um grave problema, confirmando a desilusão deles em relação ao sistema escolar brasileiro.

Outro fator encontrado e determinante para que os atletas não se envolvam de uma maneira mais ativa com o processo de escolarização deve-se ao fato deles encararem, concomitantemente, uma constante e intensa jornada de treinamentos em dois períodos com a jornada de estudos. Essa dificuldade os leva a buscar estratégias de flexibilização do ensino, em que a troca de turno, principalmente para o período noturno se destaca.

Sobre o ensino noturno, reconhecemos sua importância na vida destes jovens atletas e de tantos outros sujeitos do país, pois atende aqueles que enfrentam uma jornada diurna de trabalho. No entanto, consideramos que este ensino enfrenta inúmeras dificuldades como: período mais curto de aulas, professores que estão em sua terceira jornada de trabalho no dia e falta de funcionários, situações que refletem a fragilidade do sistema escolar brasileiro, que através deste exemplo mostra que em certos momentos não é capaz de contemplar totalmente as necessidades escolares de todos os cidadãos.

Já no que se refere ao papel da escolarização na vida de jovens atletas, observamos que os atletas veem pouca importância no processo de formação escolar. Segundo eles, a escola é àquela instituição que somente os prepara para ler e escrever, auxiliando-os na resolução de suas situações profissionais do futebol. Eles acabam por desconsiderar a formação humana e ampla que o ambiente escolar é capaz de oferecer. Diante disso, pode-se dizer que o aprendizado e desenvolvimento que poderia ser oportunizado pela escola são relegados diante da dedicação necessária para se tornarem jogadores de futebol, o que nos permite inferir que o processo de formação escolar se encontra totalmente secundarizado na vida destes atletas-estudantes, gerando o questionamento: Porque o sistema escolar brasileiro gera desilusão nestes jovens? Quais ações devem ser desenvolvidas para sanar esta desilusão? É possível criar mecanismos que levem os jovens a ver na escola um lugar de construção de conhecimento para a vida?

Além disso, mostram que não existe uma participação do treinador e do clube no auxílio deste processo em suas vidas. Segundo eles, o treinador e o clube demonstram-se desinteressados com as suas rotinas de estudos, mostrando que o maior interesse destes dois atores é torná-los bons jogadores profissionais e não bons alunos.

Ainda desconhecem qualquer ação dos mesmos que contribua para o desenvolvimento de seus processos educacionais, nos permitindo refletir: mesmo com objetivo maior do clube em

formar, revelar e adquirir êxito financeiro, não seria pertinente contribuir na formação escolar destes jovens? Será que os clubes brasileiros desconhecem ou negligenciam a escolarização?

Baseados nas informações obtidas no estudo, constatamos que o treinador possui uma visão instrumental acerca do processo de escolarização, pois a enxerga como um fim para o futebol ao invés de reconhecer a escola como fim de si mesma, sendo aquela instituição que pode contribuir para o exercício da cidadania e de uma formação integral daqueles a qual ensina. Ele não demonstra participação no auxílio deste processo aos seus atletas, e não adota grandes ações em seu trabalho para contribuir com o desenvolvimento escolar dos jovens.

Sobre o papel do clube na escolarização de jovens atletas, o treinador afirma que o papel do clube somente é cobrar a frequência dos atletas na escola e desconhece alguma ação formativa do clube para incentivar a escolarização destes atletas-estudantes. Concluímos que a visão do diretor é a única que demonstra mais sensatez em relação a uma contribuição da escola para a vida dos atletas e não para suas vidas de atletas, dizendo que ela contribui para que estes jovens se insiram, futuramente, no mercado de trabalho formal, caso não se tornem profissionais. Ainda assim é uma visão superficial, que não é capaz de confirmar todas as possibilidades oferecidas por este espaço formativo a vida humana.

A respeito do papel do treinador neste processo exprime que o treinador é uma figura importante na vida destes jovens e que pode ser capaz de ajudá-los neste processo de formação escolar. Porém, salienta que o papel do clube sobre a escolarização está preenchido somente pela cobrança em cima dos atletas para que frequentem a escola.

Sobre as ações formativas, explicita que o clube não possui nenhuma ação concreta que visa desenvolver a escolaridade dos atletas e justifica que a falta de verba é o principal fator para que exista este problema.

Contudo, podemos constatar que a escolarização na vida dos jovens atletas de nosso caso é vista e tratada com desinteresse tanto pelos atletas quanto para o clube. De um lado, mesmo com a desilusão acerca do sistema de ensino brasileiro os atletas são os atores que saem prejudicados nesse contexto, pois deixam de experienciar as grandezas do conhecimento oferecidas pela educação escolar. De outro, o clube enquanto formador esportivo destes jovens poderia ser um contribuinte para a formação escolar, mas não possui nenhuma ação formativa que vise auxiliar a escolarização destes jovens, que se tornam sujeitos na busca de um sonho

menor em chances de se concretizar em detrimento de um sonho maior, que é o de adquirir conhecimentos valorosos à vida.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Tobias; SOUZA, Divaldo. **Abandono dos estudos:** uma análise dos atletas de futebol em formação nas categorias de base de Belém/PA. [200-?] década provável. Disponível em: <[https://paginas.uepa.br/ccbs/edfísica/files/2013.1/TOBIAS\\_ALMEIDA.pdf](https://paginas.uepa.br/ccbs/edfísica/files/2013.1/TOBIAS_ALMEIDA.pdf)>. Acesso em: 15 mar. 2018.
- AZEVEDO, Marcio. **Conciliações entre formação esportiva e formação escolar:** um estudo das seleções brasileiras masculinas de basquetebol de base. Vitória, 2014. Disponível em: <[repositorio.ufes.br/handle/10/1308](http://repositorio.ufes.br/handle/10/1308)>. Acesso em: 22 mar. 2018.
- AZEVEDO, M.F; COSTA, F. R; SANTOS, W; SOARES, A. J. G. **Formação escolar e formação esportiva:** caminhos apresentados pela produção acadêmica. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1. p. 185-200, jan./mar. de 2017.
- BARDIN, L; Título Original: **L'Analyse de Contenu**. Presses Universitaires de France, 1977. Tradução: Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro.
- BARTHOLO, T. L; CABEZÓN, J. M. Y; MELO, L. B. S; SOARES, A, J, G. **Formando jogadores de futebol:** o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros. In: XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 2011, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2011. p. 1-14.
- CORREIA, C.A.G; **Entre a Profissionalização e a Escolarização:** Projetos e Campo de Possibilidades em jovens atletas do Colégio Vasco da Gama. Dissertação (Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- DA CONCEIÇÃO, D.M; **O estudante atleta:** desafios de uma conciliação. Dissertação (Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina). Florianópolis, 2015.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão:** uma etnografia do futebol de espetáculo a partir de formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 434 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL: DEPARTAMENTO DE REGISTRO E TRANFERÊNCIA DA CBF. <disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/02/em-relatorio-cbf-aponta-que-96-dos-atletas-ganham-menos-de-r-5-mil.html>>. Acesso em: 14 jun 2018.

FREITAS, M.M; **Entre estudar e treinar:** atletas da seleção capixaba sub-14 de basquetebol e o sentido dado à formação escolar e esportiva. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Vitória, 2014.

FRANCO, M. L. P. B; **Análise do conteúdo.** Brasília, 2º edição: Liber Livro Editora, 2007. 80p. – (Série Pesquisa; v.6).

Gil, A. C; 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa.** - 4. ed. - São Paulo : Atlas, 2002.

GUERRA, R. A. P.; SOUZA, M. J. **Fatores que influenciam a não profissionalização de jovens talentos no futebol.** Revista Brasileira de Futebol, jul-dez, 2008. p. 30-37.

LIMA, L.O; BOSSLE, F. **Entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional:** prioridades e influências. Caderno de Educação Física e Esporte, Marechal Cândido Rondon, v. 11, n.1, p.35-43, jan./jun.2013.

LÜDKE, M; MARLI, E. D. A. **Pesquisa em educação:** abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MARQUES, M. P; SAMULSKI, D. M. **Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional:** escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.23, n.2, p.103-19, abr./jun. 2009.

MELO, L.B.S; SOARES, A.J.G; ROCHA, H.P.A. **Perfil educacional de atletas em formação no futebol no Estado do Rio de Janeiro.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, (São Paulo) 2014 Out-Dez; 28(4):617-28 • 617.

MELO, et al. **Jornada escolar versus tempo de treinamento:** a profissionalização no futebol e a formação na escola básica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte. 2016; 38(4):400---406.

OLIVEIRA, T; VIANA, A.P.S; BOVETO, L; SARACHE, M.V. **Escola, conhecimento e formação de pessoas:** considerações históricas. Políticas Educativas, Porto Alegre, v. 6, n.2, p. 145-160, 2013 – ISSN: 1982-3207

PAOLI, P. B. (2007). **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos.** (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

RIAL, Carmem. **Jogadores brasileiros na Espanha:** emigrantes porém... Revista de Dialectología y Tradiciones Populares, v. 61, n. 2, p. 163-190, 2006.

SANTOS, F. X. dos. **O valor da educação na formação do jovem atleta para o futebol profissional em Recife.** 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2010.

SILVA, Fabiano Padilha da. **Estudante-trabalhadores no ensino noturno:** o trabalho como delimitador de aprendizagem e condutor de trajetórias escolares. Trabalho de Conclusão de Licenciatura, Graduação em Ciências Sociais, UFSC: Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu.** INFORMARE – Cad. Prog. Pós-Grado Ci. Inf., v. 1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves et al. **Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola.** Revista Brasileira de Ciências do Esporte, n. 33, p. 905-921, dez. 2011.

SOUZA, C.A.M; et al. **Difícil reconversão:** futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008.

STOLEN, T. et al. **Physiology of soccer: an update.** *Sports Med*, v. 35, n. 6, p. 501-36, 2005. ISSN 0112-1642 (Print). Disponível em: [http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list\\_uids=15974635](http://www.ncbi.nlm.nih.gov/entrez/query.fcgi?cmd=Retrieve&db=PubMed&dopt=Citation&list_uids=15974635)

## ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



SERVICÓ PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
Fone: (62) 3521-1141  
HP: [www.fefdg.br](http://www.fefdg.br)

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, \_\_\_\_\_ tendo sido convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada **“Formação esportiva e formação escolar: o sentido da escolarização para jovens atletas de futebol e seu clube formador”**, recebi do pesquisador responsável, pesquisador Felipe Dias da Silva, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

- 1- Que o estudo tem por objetivo investigar o sentido da escolarização para jovens atletas e seu clube formador.
- 2- Que a metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e que para coleta de dados será utilizada a entrevista semiestruturada. Que eu participarei voluntariamente da referida entrevista, na qual serei questionado sobre a minha visão e experiências vividas diante a escolarização de jovens atletas. Que, para fins de registro e análise, a minha voz será gravada durante a entrevista. E, que os dados obtidos serão arquivados por um período mínimo de cinco anos e que após este período os mesmos serão destruídos.
- 3- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são a disponibilidade de tempo para participar da entrevista e possíveis constrangimentos gerados pelas perguntas do pesquisador. E, que o benefício que deverei esperar com a minha participação é o entendimento do processo de formação esportiva e formação escolar de jovens atletas, o que pode gerar melhorias no desenvolvimento educacional de jovens atletas.
- 4- Que, sempre que desejar, será fornecido esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. E, que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer prejuízo. Esse procedimento pode ser realizado, a qualquer momento, por meio de ligação telefônica a cobrar diretamente ao responsável da pesquisa.

\_\_\_\_\_



SERVICO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA  
Fone: (62) 3521-1141  
HP: [www.fe.fafg.br](http://www.fe.fafg.br)

5- Que as informações conseguidas por meio da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo. E, que eu receberei uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

6- Finalmente, tendo eu compreendido tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar. Para tanto, dou o meu consentimento sem que para isso tenha sido forçado ou obrigado.

**Endereço do pesquisador responsável:** Rua palmito, lote 16, quadra P, s/n, Casa 1, – Setor Vila Morais – CEP 74620060– Goiânia/ GO - 62- 9 9208 3211 - e-mail: [felipevgvn@gmail.com](mailto:felipevgvn@gmail.com)

**Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás:** Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1, Campus II (Samambaia) - CEP: 74001970, Goiânia/GO – 62-35211215.

Goiânia,.....de....., 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura por extenso do(a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura por extenso do pesquisador responsável

## **Anexo B – Questões da Entrevista**

### **Questões da entrevista para o atleta:**

1. Como você iniciou a sua vida no futebol?
2. Como chegou às categorias de base?
3. Atualmente, qual é seu objetivo ao jogar futebol?
4. Em sua opinião, quais as chances de você se tornar um jogador profissional?
5. Ao longo de sua vida como atleta, você conseguiu frequentar a escola?
6. Conte um pouco, como foi a sua experiência com a escola?
7. Você conciliava a vida escolar e os treinamentos?
8. O que você considera ter aprendido na escola? Dê um exemplo.
9. Em sua opinião, qual deve ser o papel da escola na vida de um atleta?
10. Em sua opinião, a sua vida escolar importa ao treinador?
11. Em sua opinião, a sua vida escolar importa ao clube?
12. O clube possui alguma iniciativa concreta para apoiar os atletas em suas vidas na escola?

### **Questões da entrevista para o treinador:**

1. Em sua opinião, qual é o papel da escola na vida dos atletas?
2. Em sua opinião, qual é o papel do treinador no processo de escolarização dos atletas?
3. Em sua opinião, quais ações do treinador podem contribuir para a vida escolar dos atletas?
4. Enquanto treinador, você possui/adota alguma estratégia para auxiliar o processo de escolarização dos seus atletas?
5. Em sua opinião, qual deve ser o papel do clube no processo de escolarização dos atletas?

6. O clube possui alguma iniciativa concreta para apoiar os atletas em sua vida escolar?

**Questões da entrevista para o diretor:**

1. Em sua opinião, qual é o papel da escola na vida dos atletas?
2. Em sua opinião, qual é o papel do treinador no processo de escolarização dos atletas?
3. Em sua opinião, qual deve ser o papel do clube no processo de escolarização dos atletas?
4. O clube possui alguma iniciativa concreta para apoiar os atletas em sua vida escolar?
5. Em sua opinião, qual deve ser o papel do clube no processo de escolarização dos atletas?
6. O clube possui alguma iniciativa concreta para apoiar os atletas em sua vida escolar?





**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS MONOGRAFIAS  
ELETRÔNICAS REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DE MONOGRAFIAS DA UFG - RIUFG**

**1. Identificação do material bibliográfico monografia:**

Graduação    [ ] Especialização

**2. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso**

Autor (a):	Felipe Elias da Silva	
E-mail:	felipevgyn@hotmail.com; felipevgyn@gmail.com	
Seu e-mail pode ser disponibilizado na página?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim	[ ] Não
Título:	Formação esportiva e formação escolar: o sentido da escolarização para jovens atletas de futebol e seu clube formador	
Palavras-chave:	Educação, Profissionalização, jovens atletas, futebol	
Título em outra língua:		
Palavras-chave em outra língua:		
Data defesa: (dd/mm/aaaa)	28/06/2018	
Graduação/Curso Especialização:	Educação Física - Licenciatura	
Orientador (a)*:	Hilton de Andrade Rodrigues	

\*Necessita do CPF quando não constar no SisPG

**DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA**

O referido autor:

- a) Declara que o documento em questão é seu trabalho original, e que detém prerrogativa de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.
- b) Se o documento em questão contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal de Goiás os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento em questão.

**Termo de autorização**

Na qualidade de titular dos direitos do autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás a disponibilizar a obra, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional de Monografias da UFG (RIUFG), sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data, sob as seguintes condições:

Permitir uso comercial de sua obra? ( ) Sim (X) Não

Permitir modificações em sua obra?

( ) Sim

( ) Sim, contanto que outros compartilhem pela mesma licença.

(X) Não

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local e Data Goiania, 04 de julho de 2018.

Felipe Elias da Silva

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais